



Centro de Ensino Unificado de Brasília – CEUB
Faculdade de Ciência da Educação e da Saúde – FACES
Curso de Psicologia

NATASHA TONETTI ABDUL HAK

**A (NÃO) ELABORAÇÃO DA ANGÚSTIA NO NEOLIBERALISMO:
UMA PERSPECTIVA CRÍTICA E PSICANALÍTICA**

Brasília

2022

NATASHA TONETTI ABDUL HAK

**A (NÃO) ELABORAÇÃO DA ANGÚSTIA NO NEOLIBERALISMO:
UMA PERSPECTIVA CRÍTICA E PSICANALÍTICA**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB) como requisito final para conclusão do curso de Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Tania Inessa Martins de Resende

Brasília

2022

NATASHA TONETTI ABDUL HAK

A (NÃO) ELABORAÇÃO DA ANGÚSTIA NO NEOLIBERALISMO:

UMA PERSPECTIVA CRÍTICA E PSICANALÍTICA

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB) como requisito parcial para conclusão do curso de Psicologia.

Brasília, dezembro de 2022.

Banca examinadora

Tania Inessa Martins de Resende (CEUB) – Orientadora

Guilherme Freitas Henderson (CEUB) – Parecerista

Thessa Guimarães (UnB/CRP 01-DF) – Membro Externo

Brasília, dezembro de 2022.

À minha querida avó Regina, *in memoriam*,
que em seu colo sempre me dizia: “você
precisa parar um pouco, ‘benzin’”.

AGRADECIMENTOS

À Tania Inessa, minha orientadora neste trabalho e também minha supervisora no estágio em Saúde Mental, pela paciência e confiança, mas, acima de tudo, pela transmissão de seu exemplo de cuidado ético e emancipador.

Ao Juliano, por sua escuta tão cuidadosa. Uma escuta que faz saltar todas aquelas palavras que precisam ser amplificadas em mim, me proporcionando o espaço para eu compartilhar, criar, sentir, falar, dar significados, me incomodar e surpreender, simplesmente ser.

À Sarah, pela nossa amizade de longa data. Aquela que me sacode, revira de cabeça para baixo, abraça e proporciona tantas gargalhadas gostosas.

À Regina e ao Luiz, meus avós, pelos momentos em que só de estarem presente, o acalanto vinha - e vinha regado a muitos cafés coados com pão de queijo.

Às amigas que tive o prazer de construir laços tão queridos durante esse percurso na graduação. Especialmente à Camilla Castello, Luíza Aristides, Ana Beatriz Nascimento, Caroline Roballo, Manuela Amim e Lorryne Mendes. Vínculos que estão para além do contexto universitário e pelos quais nos enlaçamos com tanta força.

À Natália, minha prima, por toda sua doçura, companheirismo e incentivo nesses anos todos. E, claro, por ser a rara parceira que topa virar madrugadas.

À Luana e Romeria, amigas que mesmo a milhares de quilômetros de distância, eu sinto por perto.

Aos meus pais e familiares, por também acreditarem.

Às professoras e aos professores que nos estimularam a pensar criticamente, por nos oferecer os recursos necessários para que pudéssemos enxergar além da superfície e, então, buscar transformar ideias reducionistas. Um destaque ao Leonardo Mello, à Ana Flávia Madureira, à Tania Inessa, ao João Modesto, à Ingrid Fuhr e ao Juliano Lagoas.

Às compositoras e aos compositores que esculpíram todas as músicas que também me foram companhia durante as longas horas de estudo e dedicação neste trabalho.

É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós.

(José Saramago, Ensaio Sobre a Cegueira)

RESUMO

Ao longo do tempo, o neoliberalismo foi se configurando em um sistema normativo no qual as relações mercadológicas não são mais exclusivas da esfera econômica e, portanto, muito se fala na contemporaneidade sobre os efeitos disso nos processos de subjetivação. O presente trabalho teve como ponto de partida a importância do afeto da angústia à luz psicanalítica, tendo em vista que é a partir da elaboração desta que nos aproximamos de conteúdos que nos são singulares. Todavia, diante de um contexto no qual as prioridades máximas se reduzem à produtividade e o ao desempenho que se têm nas performances, parece haver um empobrecimento dos recursos simbólicos para darmos sentidos às nossas experiências, impactando na relação que estabelecemos com a angústia. Ao longo da discussão, se destacam os principais motivos que estão por trás da sustentação do neoliberalismo enquanto um modelo de racionalidade política neoliberal. A pesquisa foi de metodologia qualitativa, utilizando-se, para a análise das informações qualitativas, o referencial teórico-metodológico da Hermenêutica de Profundidade, na reinterpretação de Demo (2001). Foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas, sendo duas com psicanalistas que têm experiência na clínica e as outras duas com pessoas que experienciaram sintomas depressivos e/ou ansiosos. Procurou-se, sobretudo, contribuir na compreensão acerca das formas pelas quais a falta de elaboração psíquica da angústia se articula com a racionalidade neoliberal e como isso vem a realçar os sintomas depressivos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Angústia; Neoliberalismo; Psicanálise; Depressão; Racionalidade; Política Neoliberal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O NEOLIBERALISMO E A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA RACIONALIDADE	12
1.1 BREVE PERCURSO HISTÓRICO DO NEOLIBERALISMO	12
1.2 A DITA RACIONALIDADE POLÍTICA NEOLIBERAL.....	17
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANGÚSTIA NA CONTEMPORANEIDADE	20
2.1 A (IN)COMPLETUDE DA FALTA	20
2.2 ANGÚSTIA ENQUANTO POSSIBILIDADE	23
2.3 NUANCES CONTEMPORÂNEAS DA DEPRESSÃO	25
3. METODOLOGIA	29
4. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES QUALITATIVAS	32
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA	32
4.2 ANÁLISE FORMAL/DISCURSIVA	34
4.2.1 Quando responsabilizar-se se torna uma obrigação	35
4.2.2 Uma maratona sem linha de chegada.....	39
4.2.3 O excesso do prefixo “auto”	45
4.2.4 A depressão que convoca	49
4.3 INTERPRETAÇÃO/REINTERPRETAÇÃO.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	65
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	69
APÊNDICE	73
Roteiro de Entrevista Semiestruturada – Pessoas que Experienciaram Sintomas Depressivos e/ou Ansiosos	73
Roteiro de Entrevista Semiestruturada – Psicanalistas.....	74

INTRODUÇÃO

“Hoje, não estamos dispostos a nos expor à dor. A dor, entretanto, é uma parteira do novo, uma parteira do inteiramente outro. A negatividade da dor interrompe o igual”

(HAN, 2021, p. 71-73)

À luz de alicerces psicanalíticos, a angústia é um afeto central na nossa vida, incidindo como um dos primeiros sinais de que há um sofrimento o qual precisa ser olhado, elaborado e que nos abre espaços para construirmos nossa própria condição de sujeitos desejanter. Todavia, na contemporaneidade, faz-se notável uma espécie de evitamento constante do mal-estar, em que se costuma não reconhecer a importância da simbolização dos conflitos que nos saltam. À esta dificuldade de nomeação e percepção do mal-estar, trago as palavras de Dunker (2015, p. 210-211): “o mal-estar não é a própria angústia, mas liga-se a um déficit de percepção da angústia que possui efeitos de inibição e se qualifica como torturante”.

Na obra *A Nova Razão de Mundo*, Dardot e Laval (2016, p. 15) analisam criticamente o modelo de uma racionalidade política neoliberal na qual as relações mercadológicas não são mais exclusivas da esfera econômica. Assim, passamos a vivenciar novos sofrimentos psíquicos, já que estamos em um período histórico marcado pela competitividade e pelo individualismo (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021). Uma dessas precipitadas origens e saídas do sofrimento psíquico está, portanto, nas ordens do agir e da produção, evitando a interiorização simbólica dos conflitos que nos surgem (ALMEIDA, 2021; BIRMAN, 1999). Aqueles sentimentos que são considerados como limitadores da nossa autoeficácia podem ser vistos como obstáculos na linha de um trem que segue acelerando e têm, como seus principais e talvez únicos vagões, o desempenho, a autoperformance e a produtividade (DARDOT; LAVAL, 2016; FIGUEIREDO, 2018; HAN, 2015).

No entanto, o angustiar-se é próprio da nossa experiência enquanto seres humanos, pois é diante desse afeto que o estado de desamparo se presentifica para reconhecermos que somos constituídos, essencialmente, pelas dimensões da falta e do vazio (CHEDIAK, 2007; FIGUEIREDO, 2018; HENDERSON, 2021). Para a psicanálise, a melhor maneira de significar

a angústia é pela fala¹, mas o que mais se percebe atualmente são formas de, pelo ato, silenciar esse afeto que surge como algo intolerável ao sujeito contemporâneo (RODRIGUES; MUNÕZ, 2020). Dito isso, a dificuldade de localização do mal-estar dentro de uma narrativa tem sido cada vez mais presente, o que traz sérios desafios com relação à construção de referências simbólicas na história do sujeito (DUNKER, 2015; FERRAZ, 2018; RODRIGUES; MUNÕZ, 2020).

A autora Kehl (2009), por exemplo, nos aponta que estamos na era da impaciência e a percepção subjetiva do tempo se alterou drasticamente. Dentre essas novas formas de sofrimento, a depressão passa a ser considerada como uma patologia social, sendo que suas manifestações não encontram espaços nos dias de hoje, impulsionando ainda mais os sentimentos “de dívida ou de culpa com relação aos ideais de circulação” (KEHL, 2009, p.16). À vista de todo esse cenário, Safatle (2021) salienta a indispensabilidade de uma perspectiva crítica das performances as quais somos incentivados a desempenhar na sociedade e as contradições advindas destas, pois, de acordo com o autor, “o mal-estar na cultura é mal-estar em relação às identidades produzidas pela cultura e seus modelos pressupostos de interação” (p. 23).

Foi justamente no processo de reparar (n)os efeitos dessas ideologias nas minhas experiências, que o interesse por este recorte de estudo foi suscitado. A primeira lição que ficou foi a de, começando por mim mesma, desmontar essas peças ideológicas e olhá-las atentamente. Enxerguei o quanto pode ser espinhoso se dar conta de que a nossa vida é realmente atravessada por esses fragmentos ideológicos do neoliberalismo, mesmo que desaprovemos em termos éticos e morais. Dunker (2017, p. 294) demarca uma questão central em torno desses impasses dos quais nos entrevemos: “a ideologia não é somente uma questão de saber e de esclarecimento, pois há em seu fulcro um núcleo de gozo, que é o mais difícil de abandonar em um processo transformativo qualquer, seja ele clínico ou político”. Reconhecer essas peças da racionalidade política neoliberal no meu próprio agir e pensar na vida foi, e ainda é, o passo necessário para conseguir me confrontar diariamente com essas injunções neoliberais. Entendo que é somente após essa tomada de consciência que podemos começar a buscar por aquelas ideologias que mais nos fortalecem enquanto pessoas e sociedade, mesmo que isso envolva um

¹ “O que não significa ficar falando sozinho, nem obrigar os outros a ouvir [...] Falar a partir disso é procurar sair desta coisa em estado bruto que transforma ou esmaga, tentando inscrevê-las nas leis da linguagem [...] Produzir a partir disso não obriga sequer a uma passagem pela palavra, mas deve implicar num endereçamento e conduzir a uma montagem, convidar a uma solução” (LOBOSQUE, 2001, p. 24).

longo e denso processo crítico de reflexão e transformação. Já dizia Cazuzu: “ideologia, quero uma para viver”.

Dito isso, quero frisar que optamos, neste trabalho, pelo uso da primeira pessoa do plural para que haja uma maior aproximação com o leitor que também topa olhar por essas entrelinhas do que nos captura política e pessoalmente no cotidiano. Afinal de contas, o “nós” vem para expressar a força do coletivo, tanto como ponto de apoio quanto de resistência.

Haja vista que, para além de uma proposta política econômica, o neoliberalismo também se define atravessando as dimensões subjetivas da vida, influenciando em alguma proporção nossos modos de existência, nos salta um questionamento: de que forma, em uma sociedade orientada por princípios neoliberais, a falta e/ou dificuldades de elaboração psíquica da angústia pode se relacionar com a acentuação dos sintomas depressivos e/ou ansiosos na contemporaneidade? Assim sendo, na presente pesquisa, buscamos analisar os principais aspectos das maneiras pelas quais se constrói o paradigma da racionalidade política neoliberal, intencionando compreender as implicações da experiência da angústia dentro desse contexto e a acentuação desses sintomas na atualidade.

Para contemplar esses objetivos, no primeiro capítulo, realizamos uma breve recordação do percurso que compôs o caminho para que hoje o neoliberalismo seja representado enquanto uma racionalidade política. Nos esforçamos em tentar mapear os principais pontos de divergência quando comparado com o liberalismo clássico, destacando, ao mesmo tempo, de que maneiras nossos processos de subjetivação estão implicados nessa nova lógica normativa. Assim, diferente do que se entende como qualidade dos sistemas que prezam pela fantasia da liberdade individual e do mercado, o Estado não está completamente ausente dessas relações. Na verdade, as estratégias só foram redesenhadas e encobertas com um grande escudo por meio do qual o Estado se protege: nos conduzir a uma autorresponsabilização diante de tudo o que nos ocorre, inclusive de aspectos estruturais da sociedade, que ultrapassam o nosso controle. Assim, tentar agir conforme essa lógica nos leva geralmente ao abismo de uma lógica exaustiva e alienante.

No capítulo dois, apresentei a interpretação da psicanálise acerca do que há de visceral na experiência da angústia: as possibilidades de emergência do novo, do sentido e da reapropriação da nossa singularidade. Para tanto, transitei rapidamente pelas dimensões do desamparo, da falta e do desejo. Diante de um contexto no qual somos incentivados à competição e à constante melhora da performance, procuramos levantar hipóteses dos motivos

pelos quais o desamparo tem perdido seu lugar alteritário na contemporaneidade, tendo em vista que cada vez menos se tem espaço para a falta. Logo, esse cenário vai sinalizar para uma dificuldade de localização do mal-estar dentro de uma narrativa, o que traz sérios desafios com relação à construção de referências simbólicas na história do sujeito. Uma das consequências desse esvaziamento dos processos de simbolização é a própria forma na qual a depressão tem aparecido e, nesse sentido, chamamos a atenção para o que Dunker (2015) salienta sobre não perder de vista as dimensões sociais e culturais que estão diretamente implicadas na formação dos sintomas.

No capítulo três, abordamos a metodologia empregada na pesquisa, de natureza qualitativa. As informações do material de análise foram construídas a partir da condução de uma entrevista do tipo semiestruturada com quatro participantes: duas mulheres que vivenciaram sintomas depressivos e/ou ansiosos por um determinado período e duas psicanalistas que atuam no contexto clínico. As entrevistas foram individuais e aconteceram ora pelo formato remoto ora presencial, ficando à critério das participantes. A análise das informações qualitativas se deu após transcrição das falas e utilizou-se de um referencial teórico-metodológico, a saber, a Hermenêutica de Profundidade (HP) na reinterpretação de Demo (2001). Ainda neste capítulo, explicamos que os objetivos centrais dessa metodologia é trazer à tona as estruturas simbólicas por trás das falas dos participantes, bem como demonstrar que tal abordagem traz em si o caráter da *politicidade*, cuja intenção é de ampliar e fortalecer os espaços de crítica imanente às relações de dominação vigentes, o que possibilita reflexões mais ativas e aprofundadas.

Por fim, no capítulo quatro, fizemos a análise com base na proposta da HP, e esta ocorre a partir de três níveis: 1) a análise sócio-histórica, em que buscamos reunir os aspectos sociais e históricos que sustentam o nosso objeto de análise, ou seja, os enlaces entre a racionalidade política neoliberal, a angústia e os sintomas depressivos/ansiosos no cenário brasileiro; 2) a análise formal/discursiva, em que destacamos tanto os pontos em comum como os de divergência entre as vivências trazidas pelos participantes nas entrevistas, de maneira a investigar quais significados podem estar por trás dessas perspectivas; e 3) a interpretação/reinterpretação, em que depois de transitar pelos dois níveis anteriores, pudemos ter o espaço para trazer o que ficou de mais importante ao que se refere à nossa percepção da pesquisa realizada. Por fim, o esforço deste trabalho foi em contribuir sobretudo para reflexões críticas acerca das dimensões sociais e políticas do sofrimento psíquico e que, por vezes, são veladas.

1. O NEOLIBERALISMO E A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA RACIONALIDADE

Do alto da arrogância qualquer homem

Se imagina muito mais do que consegue ser

É que vendo lá de cima, ilusão que lhe domina

Diz que pode muito antes de querer

Querer não é questão, não justifica o fim

(Lenine)

Neste capítulo, apresentaremos o processo de construção das bases sociais, políticas, econômicas e psicológicas que sustentam a racionalidade neoliberal. Em um primeiro momento, buscamos evidenciar os pontos centrais do percurso histórico no qual o neoliberalismo se desenvolveu. Depois, destrinchamos os motivos pelos quais se fala em uma racionalidade neoliberal, partindo do pressuposto de que o sistema neoliberal foi projetado para ir além das estruturas econômica e política.

1.1 BREVE PERCURSO HISTÓRICO DO NEOLIBERALISMO

Quando se busca pelo significado do prefixo “neo”, é comum a associação a um tipo de atualização das ideias que a palavra a qual o sucede expressa ou, melhor dizendo, a algo novo que se faz presente por trás dessas ideias². Para realizar um breve percurso histórico pelos alicerces do neoliberalismo, o ponto de partida será a conjuntura que abarcava o liberalismo clássico. Aqui, vale ressaltar a expressiva relevância de não considerar o neoliberalismo apenas como uma sequência do liberalismo clássico, mas, na verdade, compreender o que há de novo nesse sistema denominado como neoliberal.

Sabe-se que o pensamento liberal clássico começou a se estabelecer através de uma corrente filosófica da economia política, no século XVIII. Nela, o conceito de liberdade passou a ocupar um lugar central nas maneiras pelas quais os sujeitos vão significar seus modos de

² Disponível em: <https://pt.wiktionary.org/wiki/neo-#Etimologia>

agir, pensar e se posicionar no que diz respeito ao mercado e à política, por exemplo (MARINHO, 2020).

Ademais, Foucault (2006) reconheceu o liberalismo como uma racionalidade política governamental, e tal perspectiva foi a responsável por caracterizar esse modelo como ímpar na história. Isso porque, de acordo com Avelino (2016), “o liberalismo foi obrigado a conhecer todos os processos sociais, políticos, religiosos e morais, de maneira a governá-los conforme as naturalidades da economia” (p. 254). Diante desses conhecimentos, o que passa a importar não é a forma pelo qual o Estado governaria, mas sim como os sujeitos governariam uns aos outros. E é por essas vias de sentido que tanto o liberalismo quanto o neoliberalismo devem ser sempre considerados à luz de suas discursividades, uma vez que eles só se organizam conforme os sujeitos os reforçam em suas práticas (AVELINO, 2016).

Para tal reflexão, sublinhamos a noção de *governamentalidade* firmada por Foucault, pois ela nos possibilita compreender em que termos esses novos contornos estatais atravessam a vida dos sujeitos. Para o autor, esse conceito busca abranger aspectos micro e macropolíticos no que se refere ao exame das relações de poder a partir de uma determinada racionalidade governamental (FOUCAULT, 2006). Esse conceito expressa a ideia na qual as relações de poder não se restringem ao Estado, sendo este, na verdade, uma consequência desses atravessamentos de governamentalidades entre os sujeitos de uma sociedade (LEMKE, 2017).

Em uma revisão das ideias de Foucault (2006), Malina (2021) aponta que o Estado “não deve ser entendido como uma instituição única e homogênea – diversas estratégias de poder acontecem no Estado ou são mobilizadas por ele, mas nunca como uma estrutura única” (p. 16).

A esses aspectos, destacamos o que se entendia como papéis do Estado e do mercado no liberalismo clássico, bem como de que forma essas relações poderiam ser expressas no entendimento de liberdade. Baseado no princípio de mínima intervenção estatal, a vontade da população era o que supostamente imperava no mercado, e o Estado, por sua vez, se assentava nas trocas comerciais que iam se estabelecendo no interior da economia (MARINHO, 2020). Algumas das funções do governo liberal, portanto, consistiam em encorajar privatizações e garantir o direito a uma certa liberdade individual dos sujeitos, sendo esta constantemente associada à liberdade de mercado (MARINHO, 2020).

Embora se saiba que essas trocas não se distribuíam de modo igualitário para a população como um todo, o objetivo delas era suprir a necessidade dos sujeitos (DARDOT e

LAVAL, 2016; FOUCAULT, 2006). No período posterior à Primeira Guerra Mundial, por exemplo, os Estados Unidos tiveram sua fase de maior ascensão econômica à época, tendo em vista que se exportavam produtos continuamente aos países Europeus que se encontravam em circunstâncias precárias em razão da guerra. No entanto, no decorrer do tempo, a Europa se restabeleceu e os Estados Unidos passaram a ter pouca demanda quando comparado com sua abundante e excessiva produção (MARINHO, 2020).

Frente a esse cenário, o liberalismo clássico vive sua primeira crise no final da década de 1930, e a principal alavanca foi a discrepância entre oferta e demanda. Após esses períodos de crise do mercado, bem como do decaimento desse modelo econômico, instaurou-se um cenário de insegurança. Em decorrência disso, a estrutura do sistema neoliberal constituiu “uma resposta política à crise econômica e social do regime 'fordista' de acumulação do capital” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 189). Iniciou-se, portanto, a construção de uma proposta econômica conhecida como ordoliberalismo, que surgiu na Alemanha nesse mesmo período da década de 30, mas só foi ganhar voz ativa após a Segunda Guerra Mundial (MALINA, 2021).

Diferentemente do liberalismo clássico, o qual acreditava ser natural aos sujeitos a lógica mercadológica de troca, o ordoliberalismo propôs que o Estado deveria criar condições para se firmar uma nova norma de mercado, que seria diferente da lógica de troca: tratava-se do mecanismo da concorrência (MALINA, 2021; LEMKE, 2017; DARDOT e LAVAL, 2016; FOUCAULT, 2006).

Assim, desde essa época o neoliberalismo já se anunciava e se separava de postulados essenciais do liberalismo. Isto porque, segundo Dardot e Laval (2016), o cerne dessas mudanças governamentais não era dar continuidade ao capitalismo tal como ele era no liberalismo, mas criar um novo tipo de racionalidade política e social. Nas palavras de Malina (2021), “essas condições são a forma pela qual a governamentalidade neoliberal irá se manifestar” (p. 26).

Foucault defende que, embora o neoliberalismo de orientação estadunidense – anarcoliberalismo – também tenha exercido forte influência, foi o ordoliberalismo alemão que se fez crucial para a consolidação dos pilares de sustentação da racionalidade política governamental neoliberal (FOUCAULT, 2006). Neste último, com relação à promoção de melhores condições de bem-estar para a sociedade, entendia-se que esta não deveria ser função do Estado, pois a igualdade não era considerada um objetivo para esse modelo. Antes, o Estado era caracterizado como mínimo e, em tese, se responsabilizava pela melhoria das condições sociais da sociedade como um todo; ou seja, embora a privatização fosse constantemente

incentivada, havia uma compreensão comum de que o governo deveria ser cobrado diante dos impasses referentes à garantia dos direitos de cidadania.

Para os ordoliberais, a política econômica passou a se sobressair à política social, pois para eles seria apenas pela prosperidade no mercado que se alcançaria esses ensejos. Ou seja,

o crescimento econômico é que, por si só, deveria permitir que todos os indivíduos alcançassem um nível de renda que lhes possibilitasse os seguros individuais, o acesso à propriedade privada, a capitalização individual ou familiar, com as quais poderiam absorver os riscos (FOUCAULT, 1979, p. 198).

Não é à toa que os ordoliberais apontaram para a necessidade de fortalecer uma lógica econômica na qual o foco seria estimular a competição entre os sujeitos, e é por esse sentido que as novas formas de governo começam a se instaurar na sociedade (MARINHO, 2020). A prioridade passa a ser o desenvolvimento de uma sociedade empresarial que, segundo Foucault (2006), é atravessada pela noção de desigualdade, já que este é um atributo próprio dos sistemas alimentados pela concorrência. Agora, o motor do discurso econômico não opera mais pela igualdade, mas, sim, pelo seu exato oposto. Enquanto que no pensamento liberal a concepção de *homo economicus* era contemplada pelo sujeito da troca, agora, no neoliberalismo, trata-se do sujeito da concorrência e do empresário de si (DARDOT e LAVAL, 2016; FOUCAULT, 2006).

Diante desses pressupostos neoliberais, a estratégia tem sido conduzir os sujeitos a se tratarem de forma equivalente à gestão de uma empresa. Enquanto o Estado se concentrava em reduzir ainda mais seus custos com a sociedade, a demanda por desempenho dos assalariados aumentava. Afinal, uma das sustentações do discurso neoliberal é a autorresponsabilização dos sujeitos diante de tudo o que lhes ocorre, inclusive o que deveria ser assegurado pelo Estado (DARDOT e LAVAL, 2016).

Haja vista essa conjuntura social, política e econômica, vimos que as primeiras nuances teóricas do neoliberalismo apareceram após um momento de crise do liberalismo clássico. Além disso, podemos afirmar que, ao contrário do que se acredita em grande parte do imaginário popular, a intervenção do Estado se faz presente no neoliberalismo, mas com novas configurações. Eis a necessidade crucial de não compreender o neoliberalismo como uma mera progressão do liberalismo clássico (DARDOT e LAVAL, 2016).

A década de 70 foi o período no qual se começou a ter notícias dos efeitos do neoliberalismo como um modelo para muito além de aspectos políticos e econômicos. Nas

palavras dos autores Safatle, Junior e Dunker (2021), “mais do que um modelo econômico, o neoliberalismo era uma engenharia social” (p. 25), fato esse que trouxe consigo percepções acerca de como os sujeitos deveriam reger a própria vida. Ou seja, o que vai se apresentando como novidade é o fato de o pensamento econômico passar a fazer parte do cotidiano dos sujeitos, de maneira que, muitas vezes, a lógica empresarial é internalizada para outras áreas da vida, ultrapassando os domínios do mercado (MALINA, 2021; SAFATLE JUNIOR e DUNKER, 2021; CHAUI, 2020; MARINHO, 2020; LEMKE, 2017; DARDOT e LAVAL, 2016).

Nesse sentido, quando Dardot e Laval (2016) tecem comentários acerca das teorias de Walter Lippman – um dos autores influentes em defesa do neoliberalismo –, eles ressaltam que a ideia de *adaptação* é apresentada como fundamental para compreender essa lógica empresarial que se coloca não só para o mercado, mas também para o sujeito em sua interioridade. O fato é que, em cenários competitivos, somos coagidos a constantes aprimoramentos de nós mesmos, o que pode vir a acarretar nessa necessidade de estarmos sempre buscando nos adaptar às transformações e às exigências de produção (DARDOT e LAVAL, 2016).

Em contrapartida, em *A Ralé Brasileira* (2020), Souza vai descortinar o que está por trás das estruturas que acompanham as populações brasileiras que ele vai se referir como sendo a *ralé*. O autor exemplifica histórias do cotidiano de pessoas que fazem parte desse grupo, discutindo o quanto que, no território nacional, o desempenho individual não é o bastante para trazer qualificação e dignidade com relação ao trabalho exercido. Com isso, desmistifica uma ideia que é muito defendida no nosso país: a de que “*todo trabalho é digno*”. Não basta que meramente se adaptem à produtividade demandada pelo mercado, tendo em vista que a *ralé* contemporânea é esta “que não possui nenhuma qualificação incorporada para ingressar no mercado de trabalho qualificado, mesmo que este de alguma maneira abrisse as vagas para isso” (SOUZA, 2020, p. 298).

Em suma, o autor demonstra que a perspectiva na qual se defende que todo trabalho é reconhecido no Brasil é um meio de legitimar e perpetuar as desigualdades entre as pessoas no país, deixando estrategicamente alguns grupos à margem (SOUZA, 2020). Com efeito, antes de iniciarmos o segundo tópico deste capítulo, deixo a seguinte convocação:

a política neoliberal deve mudar o próprio homem. Numa economia em constante movimento, a adaptação é uma tarefa sempre atual para que se possa recriar uma

harmonia entre a maneira como ele vive e pensa e as condicionantes econômicas às quais deve se submeter (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 91).

1.2 A DITA RACIONALIDADE POLÍTICA NEOLIBERAL

Quando falamos de neoliberalismo, são muitos os campos de espaço para se discutir seus mais diversos desdobramentos. Para o presente trabalho, será dado um enfoque na perspectiva daquelas relações que se estabelecem entre o discurso neoliberal e a subjetividade do sujeito contemporâneo. Tomaremos como base as ideias de Dardot e Laval presentes na obra *A Nova Razão de Mundo* (2016), em que os autores retomam as discussões de Foucault sobre racionalidade política e, a partir disso, vão construindo uma linha de argumentação na qual defendem que o neoliberalismo, na verdade, é a própria racionalidade dessa nova fase do capitalismo.

Percebemos que se trata de um discurso que visa alterar os modos de pensar a realidade e procura impulsionar comportamentos que se aproximam da forma pela qual se opera em um mercado que necessita de constantes investimentos. Por essa via, os autores cunham a expressão *racionalidade política neoliberal* e partem do pressuposto de que suas características centrais são: “a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17).

Como comentado no tópico anterior, a reformulação central do sistema neoliberal foi em termos governamentais, pois a principal função do Estado é a de proporcionar e manter as condições que são indispensáveis para que o mercado ultrapasse suas fronteiras exclusivamente econômicas. Agora, depois de décadas de implantação e fortalecimento dessa racionalidade, o neoliberalismo não se restringe à economia, mas também dialoga com os nossos próprios processos de subjetivação (CHAUI, 2020; SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021; DARDOT; LAVAL, 2016; HAN, 2017; MARINHO, 2020; MALINA, 2021).

É possível dizer que essas discussões acerca dos efeitos do neoliberalismo são recentes. Dardot e Laval (2016) sublinham que, ao longo do tempo, a questão da ideologia de livre mercado ocupou toda a atenção, ganhando destaque para aqueles que defendiam a ausência estatal na economia e, ainda, associando esta liberdade de mercado com a liberdade individual. O problema, contudo, se revela no fato de que, de maneira geral, nos desviamos de uma análise crítica do que havia por trás dessas práticas as quais somos incentivados a exercer nesse modelo (DARDOT; LAVAL, 2016).

Ora, se somos nós que devemos nos responsabilizar, o Estado acaba por se escorar na nossa constância em estarmos continuamente nos flexibilizando e adaptando às mudanças do mercado que, no final das contas, quem atualiza somos nós. Essa individualização dos impasses e das conquistas, para citar como exemplos, também se configuram enquanto estratégia para o que os autores vão chamar de *autorregulação*:

a grande novidade reside na modelagem que torna os indivíduos aptos a suportar as novas condições que lhe são impostas, enquanto por seu próprio comportamento contribuem para tornar essas condições cada vez mais duras e mais perenes. Em uma palavra, a novidade consiste em promover uma "reação em cadeia", produzindo "sujeitos empreendedores" que, por sua vez, reproduzirão, ampliarão e reforçarão as relações de competição entre eles, o que exigirá, segundo a lógica do processo autorrealizador, que eles se adaptem subjetivamente às condições cada vez mais duras que eles mesmos produziram (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 327).

Nesse sentido, Han (2017) vai dizer que somos *sujeitos de desempenho*, tendo em vista que a todo momento somos coagidos a desempenhar, com a particularidade de que, diante desse atravessamento do neoliberalismo, os exploradores somos nós mesmos. Isso vai de encontro com a concretização do que Dardot e Laval (2016) apontam sobre a *racionalização do desejo*, por meio da qual internalizamos o discurso empresarial de desempenho, adaptação e performance: “ele deve trabalhar para sua própria eficácia, para a intensificação de seu esforço, como se essa conduta viesse dele próprio, como se esta lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, à qual ele não pode resistir” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 327).

Acontece que a ideia de não poder resistir é justamente o elemento central do que vai se configurar como uma liberdade a qual, na verdade, é paradoxal (HAN, 2017; SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021; DARDOT; LAVAL, 2016; CHAUI, 2020). O sujeito contemporâneo tende a não se contentar com um desempenho médio, suficiente, uma vez que o incentivo é voltado a uma performance que nunca se contenta devido a todas essas mudanças e exigências que confrontamos. Para Han (2017), estamos em um contínuo confronto conosco, pois as expectativas de produtividade não são sanadas, mas sempre reatualizadas.

Atrelado a isso, essa sobrecarga de desempenho pode vir a se aproximar de uma sensação de satisfação pessoal. Dardot e Laval (2016) vão falar do dispositivo desempenho/gozo:

exige-se do novo sujeito que produza “sempre mais” e goze “sempre mais” e, desse modo, conecte-se diretamente com um “mais-de-gozar” que se tornou sistêmico. A

própria vida, em todos os seus aspectos, torna-se objeto dos dispositivos de desempenho e gozo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 347).

Entende-se ainda que, na busca por maximizar a produtividade e autoperformance, é possível que ocorra um movimento de não permitirmos que sentimentos considerados como “negativos” para a produção se manifestem; por outro lado, se tem o fortalecimento de uma “positividade” que se alastra por toda a sociedade (HAN, 2017). Tal fator também leva ao fato de que o bem-estar tem sido encarado enquanto uma obrigatoriedade e, nesse sentido, foi se dando destaque às discussões acerca de inteligência emocional e livros de autoajuda, por exemplo (DARDOT; LAVAL, 2016). Dessa forma, é bem comum vermos pessoas se mostrando felizes enquanto buscam, de alguma maneira – mesmo que não conscientemente –, camuflar seus desprazeres.

Fortes (2009) vai defender que a felicidade tem sido vivenciada como um imperativo moral, o que faz com que o ser feliz se torne uma obrigação. De modo a não olhar para esses sentimentos entendidos como “negativos”, Han (2017, p. 98) comenta que tem se tornado “muito mais simples lançar mão de antidepressivos que voltam a restabelecer o sujeito funcional e capaz de desempenho”. Todavia, acontece que não basta apenas “não querer sentir”, pois todo sentimento reprimido retorna para algum lugar, contornando-se como um conflito caso não lhe seja atribuído significado e se não for elaborado – mesmo sob uso de psicotrópicos. No próximo capítulo, falarei sobre o que a angústia representa para a visão psicanalítica, frisando sua importância estrutural no nosso psiquismo.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANGÚSTIA NA CONTEMPORANEIDADE

Não sabia se livrar daquele sentir, e do sentir para o consentir é só um tombinho de nada, basta um descuido para quem está andando tropeçar.

(Carla Madeira, Tudo é Rio).

Neste capítulo, abordaremos algumas questões para que compreendamos a dimensão da angústia na psicanálise. Com o intuito de falar sobre a experiência do angustiar-se, tocamos nos conceitos de desamparo, falta e desejo, buscando trazer as relações destes com as maneiras pelas quais têm sido interpretados nesse contexto enraizado em discursos neoliberais. Logo, levantamos hipóteses sobre como o empobrecimento simbólico da angústia pode estar implicada nos sintomas depressivos e/ou ansiosos atuais.

2.1 A (IN)COMPLETUDE DA FALTA

O título dessa seção é sugestivo. Em psicanálise, falar sobre falta é reconhecer que ela está ali, ela existe e nos aponta o que temos de incompleto, nos deixando em estado de desamparo. Ao mesmo tempo, reconhecer essa incompletude é justamente o que vai manter os espaços em aberto para que possamos desejar. A completude a qual me refiro é o ser completo no incompleto, e é aqui que a importância da falta vai se desenhando:

o postulado fundamental da psicanálise diz que a estrutura do sujeito se organiza a partir de um furo. Esse furo organizador na estrutura é correlato ao conceito do objeto perdido, o que implica que aquilo que poderia dar satisfação ao sujeito é perdido desde sempre como condição necessária ao desejo, que por definição é insatisfeito (QUINET, 2000, p. 87).

O objeto perdido ao qual Quinet (2000) se refere é aquele que nós debatemos no momento do desamparo imaginário. Quando a criança ainda está em sua posição de bebê, ela vivencia uma espécie de cisão entre quem é ela e quem é o outro. Esse momento faz parte do nosso processo de construção do Eu, todavia, ainda se configura como um trauma. Enquanto recém-nascidos, não temos recursos cognitivos, afetivos e/ou motores para satisfazermos nossas necessidades e, então, nos sentimos desamparados. Nessa separação inédita nos deparamos com algo da ordem do desconhecido e de intensa sensação de vazio — é aqui que a angústia se instaura como um afeto que aparece para sinalizar a falta fundamental que nos constitui. Ou

seja, é quando o estado de desamparo comparece, que nos angustiamos (FREUD, 1916; HENDERSON, 2021; DELOUYA, 2001; PEREIRA, 2008).

Diante dessa separação entre o Eu e o outro, bem como da confrontação com o vazio da angústia, a criança fica de frente a uma falta que ela, sozinha, não é capaz de preencher. Ela depende desse outro para a sua própria sobrevivência e até mesmo para se reconhecer. Dentro de todo esse processo que lhe é inconsciente, a criança também vai se dar conta de que não é a única que existe, e esta mudança só se desenrola em razão da falta fundamental que nos constitui sujeitos desde os estágios iniciais da vida (SANTOS; FORTES, 2011).

Na concepção freudiana, ao longo da vida estamos constantemente buscando por esse objeto perdido que nunca será reencontrado, tendo em vista que este só nos pertenceu por um breve período, antes de nos depararmos com o desamparo. A sensação de completude e de totalidade como o objeto de amor da mãe não existe mais e ficará para sempre restrito àquela fase da vida (QUINET, 2000; SCHARINGER, 2009). Já na perspectiva de Lacan, a noção de objeto perdido se transforma em objeto faltoso. Scharinger (2009, p. 106) vai dizer: “o objeto perdido, também falta, mas o faz porque um dia existiu. Já o faltoso, talvez falte, porque nunca tenha sido”.

Acontece que Lacan vai propor que, logo nesse período da infância, vamos nos identificar com a nossa imagem refletida no espelho e, a este acontecimento denomina *estádio do espelho*. Ou seja, antes mesmo de darmos conta da nossa falta, a imagem que vemos no espelho faz com que nos consideremos seres humanos completos, a quem nada falta. A partir disso, Lacan entende que esse estágio se caracteriza como uma precipitação do eu, no qual somos levados a misturar quem nós somos com o que o outro é, e, então, passamos a fazer identificações especulares (SCHARINGER, 2009).

Com essa imagem ideal de si, a quem nada falta, a criança é introduzida ao registro imaginário do pequeno outro, o qual Lacan entende ser o eixo em que somos rodeados por sentimentos de agressividade, disputa, ambivalência, apaixonamento e identificações imaginárias, por exemplo. Nesse sentido, Scharinger (2009) menciona sobre o apelo do bebê: quando o recém-nascido ainda desconhece o uso da linguagem simbólica, ele dá seus primeiros gritos e é a mãe³ que interpretará e dará os sentidos para aquelas expressões. Ou seja, mesmo

³ Mãe aqui é a representação da pessoa que mais se aproxima de uma figura materna para a criança, isso significa que se trata, sobretudo, de uma função da qual uma pessoa exerce sob a criança.

que a mãe atenda aos gritos, não se sabe, com plena certeza, se todas as vezes em que o bebê chorar vai ser em razão do que vier como interpretação da mãe:

a mãe começa a dar significado ao choro, ao grito, indicando ao filho que ele chora porque está com dor ou fome. Isto não quer dizer que, de fato, a criança esteja chorando por isso. Mas quer dizer que nesta experiência algo vai se constituindo durante essa relação de mãe e filho. Um campo de comunicação vai se abrindo: o campo do Outro (SCHARINGER, 2009, p. 77).

Este campo do Outro é o que Lacan vai definir como o registro simbólico pelo qual passamos a nos relacionar com a linguagem. Entendemos, portanto, que antes de se começar a construir relações com o simbólico, o registro do imaginário é o que vai vir a se manifestar antes. Somos introduzidos ao grande Outro através da mediação de uma outra pessoa que não nós mesmos, tendo em vista que antes da criança vir ao mundo, já existe todo um conjunto de significados da linguagem e da cultura nas quais ela se insere. É por esse sentido que a mãe costuma entender, por exemplo, que a fome é representada pelo grito quando, na verdade, pode ser que essa necessidade seja uma outra, que a mãe desconhece (SCHARINGER, 2009).

Essa conjuntura acaba por trazer à tona uma sensação de incompletude que todos experienciamos, pois o desamparo revela o furo que dará origem ao registro do real (SCHARINGER, 2009). Daqui surge a emergência do registro simbólico para que possamos simbolizar essa parte que nos falta através do universo da linguagem (SANTOS; FORTES, 2011). De encontro a essa relação, Pereira (2008, p. 125) vai sublinhar que o estado de desamparo é o “horizonte último de todo processo no qual a linguagem está engajada”, e é a angústia que o sinaliza.

Quando a mãe começa a se ausentar, a criança se vê diante de um desejo que não será saciado, pois este desejo ao qual ela se direciona é o da figura materna que tem um grande Outro ao qual também responde. É a partir disso que as dimensões da falta e do desamparo são inseridas na vida da criança, e, diante desse furo do desejo, o simbólico será o meio pelo qual se lidará com isso (SCHARINGER, 2009). Campos (2017, p. 74) destaca que essa entrada na falta do registro do grande Outro é onde o desejo faz sua morada, mas que seguirá sendo faltante e, por isso, “é uma falta-a-ser que acompanha tanto o sujeito quanto o Outro”.

Essa falta será denominada *objeto a* e vai se localizar entre os três registros: imaginário, simbólico e real. De modo a dar destino a esse furo que nos constitui – do desejo do Outro –, procuramos significá-lo por meio do simbólico e do imaginário, já que no real o furo é apresentado tal como ele é: vazio, despido de sentido e o lugar em que a angústia habita em sua

forma mais dilacerante (SCHARINGER, 2009). O processo em que buscamos atribuir significado a esse furo é acompanhado da angústia, que também convoca ao estado de desamparo pois nos reencontramos com a dimensão do vazio, expressa no desejo do Outro. É daqui que surge a possibilidade de darmos destinos simbólicos à falta (CHEDIAK, 2007).

Todavia, em um contexto no qual se incentiva a todo tempo a busca pela autossuficiência, surge o questionamento sobre qual lugar a falta estaria ocupando e de que forma temos buscado tamponá-la.

2.2 ANGÚSTIA ENQUANTO POSSIBILIDADE

Em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1916), Freud vai chamar a atenção para a diferenciação das expressões *situação traumática* e *situação de perigo*. Sendo o desamparo associado à primeira, ele pontua que é justamente pelo fato dele se configurar como um trauma que já é de se esperar o seu retorno. E para que nos confrontemos com esse estado, com esse retorno do traumático, é preciso que haja uma *situação de perigo* da qual a angústia faz o alerta (FREUD, 1916). Assim, o estado de desamparo se desenha enquanto uma situação traumática originária, em que “o termo originário significa uma situação em constante perlaboração”, a qual é a angústia que o acompanha e aponta para a falta (DELOUYA, 2001, p. 38).

É sabido que Freud dedicou grande parte de seus estudos para compreender do que se tratava esse afeto que tanto aparecia em seu contexto clínico. Para ele, além da angústia ser “algo difícil de apreender”, ela é, “em primeiro lugar, algo que se sente” (FREUD, 1916, p. 71-72). Angustiar-se, nesse sentido, não consiste apenas em experienciar um sentimento de desprazer. Trata-se, sobretudo, de nos atentarmos ao que ela vem nos sinalizar:

a angústia, mesmo a mais desenfreada, comporta no cerne de sua indeterminação alguma coisa da ordem de uma memória em estado de suspensão (...) que aguarda ser recuperada e historicizada (PEREIRA, 2008, p. 24).

Quando Freud desenvolve sua segunda teoria sobre a angústia, ele a considera não apenas como um sentimento associado aos desprazeres da vida, porém mais ainda a um sinal de alerta. Nesse mecanismo, desperta-se uma pulsão inicial que é vista como uma ameaça para o Ego – a angústia surge nesse momento –, noção que leva o Ego a tentar suprimi-la. Quando não elaboramos o conteúdo dessa pulsão, forma-se uma nova manifestação inconsciente oriunda do recalçamento: um sintoma (FREUD, 1929).

Dessa forma, uma conclusão fundamental à qual Freud chega é que tanto a inibição quanto o sintoma são vias pelas quais nos defendemos dessa angústia (FREUD, 1929). Enquanto a inibição se refere apenas a uma restrição, o sintoma já é necessariamente uma formação patológica do inconsciente, que se fixa para evitar a angústia e substituir a pulsão inicial a qual podia ter satisfeito temporariamente o sujeito (FREUD, 1929).

Assim, percebe-se que antes do recalque acontecer, a angústia aparece sempre como um sinal de alerta de que há algo ali do desejo do sujeito que precisa de atenção (FREUD, 1929). Para que o sintoma já tenha sido formado, significa dizer que houveram lacunas na elaboração da angústia e, logo, as vias do desejo do sujeito não foram delineadas.

Sendo assim, embora seja muitas vezes doloroso experienciá-la, nas entrelinhas dessa dor há um convite para nos confrontarmos a olhar para esses conteúdos e, assim, termos a possibilidade de elaborar novas narrativas para algo que nos trouxe sofrimento. Nesse caso, algo que aponta para a nossa falta e, diante desse espaço vazio, faz surgir algo de novo, algo que seja da singularidade de cada um (CHEDIAK, 2007; FREUD, 1916).

Figueiredo (1999) salienta que angustiar-se é parte do ser humano e se configura enquanto falta de um sentido próprio e dado a priori. E isso, que nos é singular, é nosso desejo que seguirá repleto de furos, faltante, mas que nos coloca em movimento na relação com o Outro e com o que nos sustenta enquanto sujeitos (ALMEIDA, 2021; CHEDIAK, 2007).

Importante ressaltar que assumir essa posição de sujeito desejante não é o mesmo que materializar tudo aquilo que se tem vontade de fazer. Trata-se de compreender a posição a qual ocupamos e, com isso, “separar-se da condição de objeto de gozo do Outro, alienado a seus ditos e ditames, em responsabilizar-se pelos desdobramentos de seu ato e em arcar com a perda que lhe é implícita” (NICOLAU, 2021, p. 37). Esse movimento constante do desejo vai se dar em função da busca de nos satisfazermos da falta fundamental do estado de desamparo. Como o desejo quer suprir essa falta, buscamos tamponá-la a partir de outros meios, e o melhor deles é através do registro simbólico da linguagem (NICOLAU, 2021).

Em contrapartida, a autora Ferraz (2018) vai destacar que as narrativas de sofrimento na contemporaneidade têm sido acompanhadas de um discurso no qual o sujeito expressa não conseguir sentir, se colocando como indiferente em uma *cultura da indiferença*. Problematiza-se, então, que “para sentir nada é necessário artificios para calar o que perturba”, e, para ela,

um desses artifícios é a busca desenfreada por um gozo que tem como objetivo vivenciar o máximo de experiências que puder (FERRAZ, 2018, p. 21).

Em torno de duas décadas atrás, Birman (1999) já se voltava para essa perspectiva crítica dos modos de agir da sociedade. Notou-se, à época, que os sujeitos estavam inseridos em uma lógica na qual o autor denominou de *estetização da existência*. Isso significa dizer que, diante de uma *cultura da imagem*, acabamos nos voltando constantemente para as *performances* que desempenhamos nas relações sociais, partindo de um autocentramento no qual “o que importa para a individualidade é a exaltação gloriosa do próprio eu” (BIRMAN, 1999, p. 179).

Dito isso, faz-se necessário frisar que a visão do sujeito para a psicanálise é sempre compreendida dentro dos discursos sociais e históricos aos quais se fala (BIRMAN, 2017). Se a *generalização da concorrência como norma de conduta* é um dos pilares fundamentais de sustentação da racionalidade neoliberal, é possível levantar a hipótese de que há um incentivo para que o individualismo continue ganhando força. Nas palavras de Dardot e Laval (2016), a estratégia é conduzir os sujeitos a

‘cuidar deles mesmos’, a não contar mais com a solidariedade coletiva e a calcular e maximizar seus interesses, perseguindo lógicas mais individuais num contexto de concorrência mais radical entre eles. Em outras palavras, a estratégia neoliberal consistiu e ainda consiste em orientar sistematicamente a conduta dos indivíduos como se estes estivessem sempre e em toda parte comprometidos com relações de transação e concorrência no mercado (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 243).

Em meio a essas circunstâncias atravessadas por sobrecargas de desempenho e incentivo à competitividade, abre-se a seguinte questão: de que maneiras a racionalidade neoliberal pode estar interferindo na potencialidade que temos em fazer emergir um conteúdo que é próprio de cada um, da nossa própria história e, portanto, singular? De acordo com Birman (2017), o registro da ação é uma das modalidades de mal-estar da contemporaneidade, e este vem para marcar o distanciamento com relação ao simbólico que nos abre o caminho para a dimensão do desejo. Isso posto, trago as palavras de Almeida (2021, p. 20): “a depressão não aparece só como um sintoma do mal-estar da atualidade, mas como produto de uma forma de existência na qual o desejo não encontra destino”.

2.3 NUANCES CONTEMPORÂNEAS DA DEPRESSÃO

Tecendo uma discussão acerca da depressão, Delouya (2001) parte do princípio do qual a dor, a depressão e a angústia são sofrimentos que têm sua origem na base da constituição do

psíquico, que é o momento do desamparo originário, discutido anteriormente. O narcisismo primário, nesse sentido, possui a função fundamental de autoconservação e defesa do Eu. Quando a criança não consegue restaurar a sensação de perda em si mesma, “marca o nascimento do afeto depressivo, assim como o da instalação da sensibilidade depressiva” (p. 37).

A partir disso, Delouya (2021) vai propor a seguinte diferenciação: enquanto a *função depressiva* aparece como algo da constituição do psiquismo, em que o sujeito busca resguardar seu espaço narcísico, o *estado depressivo* já está na forma de sintoma (DELOUYA, 2001). De acordo com o autor, a semelhança entre a angústia e a depressão é que ambas continuam a trazer associações com esse momento do desamparo originário, independentemente da fase de vida em que o sujeito se encontra. No entanto, enquanto a angústia se endereça ao futuro, a algo que pode ser elaborado ainda, a depressão se endereça ao passado, a um conteúdo que foi desconstituído de gozo (DELOUYA, 2001). No entanto,

na esteira deste encontro depressivo consigo, alguns sujeitos, intolerantes para tal eventualidade, tentam se aliviar recorrendo a uma das formas disponíveis de adicção, como ingestão compulsiva de alimentos, compras ou a fixação prolongada nos jogos de computadores, televisão, masturbação, etc (p. 47).

Relacionado a isso, ao procurar compreender como os modos de existência contemporâneos se relacionam com a geração de angústia nos sujeitos, Almeida (2021) ressalta que tem acontecido um fenômeno ao qual se refere como uma “compulsão pelo agir”:

mesmo sem ter clareza dos objetivos ou resultados a que almejam chegar, consomem-se em um turbilhão de afazeres, mantendo-se em movimento e constantemente ocupadas, o que parece aliviá-las de uma pressão, ou de um excesso psíquico que não conseguem explicar (ALMEIDA, 2021, p. 12).

Birman (2017) sugere que a passagem ao ato tem se sobressaído com relação ao *acting-out*, tendo em vista que não se reservam esses espaços para a simbolização do que nos ocorre (BIRMAN, 2017)⁴. Assim, além do mal-estar se expressar nos campos do psiquismo e do corpo, agora ele também se expressa em forma de ação, produtividade e desempenho.

Não é à toa que também é possível perceber um novo modo de subjetivação, o qual se estabelece por um tipo de separação muito bem definida: de maneira geral, para que o desempenho ideal e neoliberal aconteça, difunde-se a ideia de que é necessária uma tentativa

⁴ “Essa diferença conceitual se refere à fragilidade e à ausência de processos de simbolização na passagem ao ato, enquanto estas estariam presentes no *acting-out* (atuação) (BIRMAN, 2021, p. 97). “

de afastamento total de afetos e emoções (FIGUEIREDO, 2018). Isso nos leva à compreensão que, de um lado, existem conteúdos do desejo que estão sendo mantidos na zona do recalque e, do outro, há o fortalecimento dos sintomas (ALMEIDA, 2021).

Pelo fato dos estados depressivos se manifestarem enquanto sintomas sociais, podemos dizer que muitas vezes esses sintomas são as formas que encontramos de resistir ao que os imperativos da contemporaneidade nos colocam (KEHL, 2009). Embora seja sintoma, ainda é uma resistência ao que está na ordem do desejo do Outro, ou seja, há uma pulsão originária que aparece enquanto possibilidade de reencontrar as vias dos próprios desejos e passar a ocupar sua posição de sujeito desejante (CAMPOS, 2016).

De fato, é notável que temos a depressão como uma das protagonistas dos diagnósticos atuais (DUNKER, 2021; KEHL, 2009; BIRMAN, 2017; 2021; HAN, 2015; 2017; 2021). Grosso modo, de forma a cumprir com algumas das expectativas neoliberais de agilidade e superprodução, somos instigados a buscar soluções cada vez mais rápidas nos medicamentos (KEHL, 2009; HAN, 2015). Nesse sentido, ao invés de nos voltarmos para a elaboração das nossas angústias, de modo a dar contornos ao nosso desejo, podemos cair na armadilha de acreditar que esses sintomas depressivos se manifestam em razão de uma falta, à qual pode ser suprida somente pelos efeitos medicamentosos (KEHL, 2009).

Chediak (2007, p. 50), também vai pontuar que o uso excessivo de psicotrópicos têm sido utilizados de maneira a desconsiderar a simbolização e a historicização dos sofrimentos psíquicos. Segundo a autora, esta é apenas mais uma forma de prolongá-los, tendo em vista que enquanto os sujeitos acreditam estar solucionando a fonte de seus sofrimentos, na verdade, eles estão apenas assumindo novas fachadas. Isto porque “as práticas atuais de medicalização nada mais fazem do que mascarar e eternizar o sofrimento psíquico. Calam o sujeito ao invés de fazê-lo falar” (CHEDIAK, 2007, p. 12).

Por essas vias de sentido, Birman (2017; 2021) afirma que a depressão é o principal desdobramento de uma sociedade na qual somos cada vez mais desconectados de nós mesmos e, portanto, empobrecidos de recursos simbólicos para dar significado às nossas experiências. Assim, sabemos que os sintomas neuróticos são formações do nosso psiquismo que vêm para tamponar a angústia que não foi elaborada e nos aliviar de alguma maneira (FREUD, 1929). No caso dos sintomas depressivos, Kehl (2009) propõe que, atualmente, o que se vê é a marca do vazio por trás deles, e não mais o da falta. A autora classifica a depressão como a própria consequência dos imperativos da nossa época, dizendo:

se as depressões podem ser entendidas como sintomas do mal-estar em sua versão contemporânea, é preciso levar em consideração também o outro aspecto do sintoma, que é o de ser uma tentativa (ainda que mal-sucedida) de cura; a depressão, como sintoma social, é aquilo que resiste – ao imperativo de gozo, à fé na felicidade consumista, à própria oferta de possibilidades de traição da via desejante” (KEHL, 2009, p. 103).

3. METODOLOGIA

Frente às articulações da racionalidade neoliberal com saberes das Ciências Sociais e Humanas, faz-se necessário considerá-la em sua complexidade. Diante disso, optamos pela utilização de uma metodologia qualitativa de pesquisa, tendo em vista a pluralidade dos significados envolvidos. Nesta, as investigações são realizadas sob uma análise intensiva das relações socioculturais que constroem os fenômenos, sendo estes sempre situados no interior de um determinado período histórico (MINAYO, 2007).

A pesquisa qualitativa não tem como objetivo encontrar explicações que já estejam dadas para o fenômeno. Na verdade, trata-se de construir informações que surgirão da interação contextual entre pesquisador e participante (DEMO, 2001). Nesse sentido, o pesquisador não é apenas objeto neutro na pesquisa, pois, de acordo com o autor, ele se insere como sujeito-objeto, já que estará implicado na análise interpretativa (DEMO, 2001). Por outro lado, “é prudente estabelecer o compromisso com a objetivação, para controlarmos melhor – nunca de todo – a tendência também deturpante dos processos de captação” (DEMO, 2001, p. 26).

No que se refere ao presente estudo, a construção das informações qualitativas se deu por meio da interlocução entre pesquisadora e participante nas entrevistas semiestruturadas. Foram analisadas as formas simbólicas que surgiram no discurso, procurando identificar suas estruturas, especificidades e seus pontos de encontros e desencontros.

Isso posto, não se teve como máxima a padronização explicativa dos fenômenos, mas, sim, a flexibilidade de voltar a discuti-los. Uma vez que os significados no campo das pesquisas qualitativas são dinâmicos e não-lineares, há sempre de se ter aberturas para novas interpretações (DEMO, 2001).

Vimos ainda que o neoliberalismo é compreendido como um sistema normativo que traz consigo inclinações de como os sujeitos deveriam construir sua existência (DARDOT e LAVAL, 2015). Nesse sentido, o estudo contou com a utilização da Hermenêutica de Profundidade, um referencial que confere especial destaque à concepção de *politicidade*. Demo (2001) defende que esse conceito aparece nas possibilidades do sujeito de renegociação da realidade:

a politicidade aparece precisamente na capacidade de fazer, dos limites, desafios. Dito de outra maneira, a politicidade é a prova do sujeito: não somos apenas objeto da

manipulação externa ou alheia, pois podemos nos fazer sujeitos de proposta própria (p. 20).

Assim, é através da participação ativa do sujeito que se torna possível questionar e mudar relações de dominação vigentes. Como reafirmado por Resende (2015), a análise hermenêutica permite promover espaços de reflexão que fortalecem a emancipação dos sujeitos.

Com o objetivo de investigar as possíveis articulações entre a não elaboração da angústia e os sintomas depressivos no interior da racionalidade neoliberal, o estudo entrevistou quatro pessoas adultas. Dentre essas, duas pessoas que experienciaram sintomas depressivos e/ou ansiosos, mas que no momento da entrevista já estavam restabelecidas e dispostas a falar sobre; e outras duas participantes psicanalistas, que atuam na clínica há pelo menos cinco anos consecutivos.

Antes de selecionar os participantes, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e aprovada sob protocolo de nº 60783922.6.0000.0023. A busca pelos participantes se deu por meio da rede social da pesquisadora, fazendo uso de mensagens ou ligações em que foram ressaltadas informações sobre os objetivos da pesquisa, bem como o sigilo e o anonimato das entrevistas. Os encontros foram presenciais ou remotos, deixando à escolha dos participantes a configuração que garantisse a privacidade e conforto destes. No momento da entrevista, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO A) com o intuito de esclarecer quais foram os fins, riscos e benefícios da pesquisa, e como ela ocorreria.

Para a produção das informações qualitativas, foi utilizado como instrumento a entrevista semiestruturada, sendo uma reservada aos participantes que já experimentaram sintomas depressivos e/ou ansiosos, e outra aos psicanalistas (APÊNDICE). Além disso, as entrevistas foram gravadas por meio de áudio, de maneira que fosse possível transcrevê-las para a análise das informações. Elas tiveram uma duração média de uma hora e trinta minutos. Por meio das entrevistas, cada participante foi convidado a falar sobre alguns aspectos de suas vidas, o que abriu espaços para reflexões. Desses diálogos, na medida em que se voltavam para suas vivências, um benefício que surgiu foi a abertura às reflexões e possibilidades de diálogos sobre o tema. A entrevista também aconteceu de forma que não houvessem julgamentos, mas, sim, acolhimento, a fim de que o participante se sentisse confortável ao resgatar e falar de suas experiências.

Para a análise das informações qualitativas, optou-se pelo referencial teórico-metodológico proposto por Thompson e reinterpretado por Demo: a Hermenêutica de Profundidade. Nessa proposta, os objetos de análise são construídos simbolicamente dentro de um determinado contexto e as informações qualitativas são delineadas através da interpretação dessa teia de significados simbólicos. Assim, entende-se ser central compreender as várias nuances que se fazem presentes no discurso dos participantes, tanto de forma explícita como implícita (DEMO, 2001).

Para tanto, a análise se constituiu a partir de três níveis: 1) Análise Sócio-Histórica; 2) Análise Formal ou Discursiva e 3) Interpretação ou Reinterpretação. No primeiro nível, cabe contextualizar e retomar os processos de construção dos enlaces culturais e políticos dos objetos de análise. Referente ao segundo nível, da Análise Formal ou Discursiva, buscamos destacar as regularidades dos fenômenos investigados, investigando seus pontos de encontros e desencontros. Por fim, a partir do diálogo entre os dois primeiros níveis, a Interpretação ou Reinterpretação consistiu em sintetizar as impressões que tivemos durante a análise do fenômeno, de maneira criativa e singular da própria pesquisadora (DEMO, 2001).

4. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES QUALITATIVAS

Conforme apontado por Demo (2004), aqui serão discutidas as informações qualitativas construídas somente após as transcrições das entrevistas semiestruturadas e individuais com as quatro participantes. Organizamos a análise por categorizações que só foram possíveis de delinear depois de nos debruçarmos sob o material à disposição, articulando tanto os pontos de encontro quanto os desencontros entre os conteúdos abordados, tudo em diálogo com a literatura.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA

É sabido que foram necessárias décadas de amadurecimento do neoliberalismo enquanto um modelo de racionalidade política. Há um consenso geral entre os autores que trabalham essas questões, em que dizem ter sido a partir da década de 70 que os efeitos começaram a ser notados (DARDOT e LAVAL, 2016; SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021; CHAUI, 2020; HAN, 2017). Além disso, vimos que não se tratava apenas de intervir na esfera econômica, mas, sobretudo, nas esferas social e psíquica. Para que os processos de subjetivação se aproximassem da lógica dominante de mercado foi necessário que houvesse uma despolitização da sociedade, associando que a liberdade individual estava exclusivamente ligada à liberdade de mercado (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021).

Assim sendo, a linha mercadológica passou a atravessar várias modalidades da nossa vida, na medida em que o Estado se responsabiliza em criar estratégias para nos fazerem acreditar que a liberdade é realmente exercida, quando na verdade vimos que a coerção agora é internalizada, sendo nós mesmos os responsáveis por nos adaptarmos às contínuas oscilações econômicas (DARDOT e LAVAL, 2016). Imersos em um padrão de nos tratarmos enquanto capital humano, o mercado ultrapassa os limites que antes se tinha no liberalismo clássico. Conforme Dunker (2017, p. 285) destaca, “Tudo é mercado. Educação é investimento. Saúde é segurança. Relações são *networking*. Imagem é *marketing* pessoal. Cultura é entretenimento. Pessoa é o empreendedor de si mesmo”.

Para além disso, o sistema neoliberal chegou à fórmula perfeita para o ser humano poder ser confundido com uma mera peça do maquinário da produtividade: fazer do sofrimento a própria fonte de maior desempenho. Até que, como vimos, isso se desmorona em algum

momento (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021; DUNKER, 2017). Desse modo, o excesso de positividade também é tido como um dos dispositivos neoliberais para o incentivo de suas normas de conduta, transformando a felicidade em mais um imperativo que é reduzido à negação da dor e à crença de que basta que saibamos “controlar melhor nossas emoções” (CABANAS e ILLOUZ, 2022).

No contexto do Brasil, os impactos do neoliberalismo foram ainda mais severos quando comparado com outros países mais desenvolvidos. Com dimensões continentais, o território brasileiro continua marcado por sua larga proporção de desigualdade socioeconômica e, logo, sua escassa distribuição de gozo, como apontado por Birman (2017). A nossa população sofre de um modelo meritocrático, jogada ao deserto de recursos que o desamparo social oferece junto da ilusão dos discursos que legitimam a ausência do Estado na garantia de direitos e políticas sociais, como, educação e saúde.

Souza (2020) se propôs a estudar as consequências do processo de modernização brasileiro nas ditas classes sociais, com destaque à classe que ele vai se referir como *a ralé*. Analisando nosso cenário, o autor demarca que a meritocracia é o traço ideológico que mais se faz presente no meio do que ele associa como *ilusão de liberdade e igualdade*. Diante da falsa crença de que as oportunidades são igualmente distribuídas e que o Estado é justo, o Brasil é um país marcado pelo abandono social que perpassa gerações. Isso porque, mesmo com os esforços que esse grupo de pessoas fazem, falta, ainda, o reconhecimento social que é transpassado por um significado simbólico e não apenas material (SOUZA, 2020).

Nessa nova fase do capitalismo, a fase contemporânea na qual nos encontramos, espera-se cada vez mais pelo constante aprimoramento e atualização de conhecimento técnicos. Assim, se referindo à *ralé*, ele diz que esta é vítima de uma injustiça social, pois, “como ela não encontra emprego no setor produtivo que pressupõe uma relativa alta incorporação de conhecimento técnico ou ‘capital cultural’, ela só pode ser empregada enquanto mero ‘corpo’, ou seja, como mero dispêndio de energia muscular” (SOUZA, 2020, p. 29).

Dessa forma, se legitimamos a ausência do compromisso do Estado e validamos a norma de que nós que precisamos nos autogovernar, entende-se que o contrário disso seja fatores que desencadeiam formas de sofrimento psíquico. Isso é o que Safatle, Junior e Dunker (2021) vão dizer sobre o sofrimento estar sempre inserido dentro de uma conjuntura social e histórica, e no neoliberalismo não seria diferente. Para esses autores, a publicação da terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III), justo na década de 80,

período no qual o discurso neoliberal dava os primeiros sinais de seus efeitos, marca uma ruptura com a etiologia dos sofrimentos psíquicos. Como consequência, se fortalecia a perspectiva da individualização de todos os impasses. Para Ferraz (2018, p. 14), “é crescente na clínica psicanalítica sujeitos que não conseguem reconhecer que existe uma impossibilidade que é estrutural, e frente a ela tornam-se impotentes”.

Nessa mesma época, também se aprofundaram os estudos psicofarmacológicos sobre as depressões, as toxicomanias e a síndrome do pânico (BIRMAN, 1999). Atualmente, em contraste ao conjunto de discursos normativos do neoliberalismo, vale nos atentarmos para alguns dados estatísticos que ilustram os altos índices de depressão nesses últimos anos: em 2016, a Organização Mundial da Saúde (OMS) realizou uma pesquisa na qual constatou-se que o Brasil era um dos países que liderava os casos de depressão na América Latina, estando em 7º lugar (6% da população sofria com os sintomas depressivos)⁵. Já em 2022, foi divulgada uma nota oficial da OMS, em que se destacava o aumento da depressão em 25% ainda no primeiro ano da pandemia de Covid-19, sendo que tal estudo foi realizado em nível global⁶.

A presente pesquisa foi realizada no território de Brasília/DF e, como dito anteriormente, foram entrevistadas quatro participantes, dentre estas, duas psicanalistas com experiências clínicas: Marina e Aline⁷. E com o intuito de trazer diferentes perspectivas para a análise das informações qualitativas, busquei na minha rede pessoal e profissional conversar com duas mulheres que cresceram em diferentes condições socioeconômicas, sendo elas: Carla, que traz em seu relato marcadores de classe, raça, gênero e sexualidade, declarando ter se desenvolvido em meio a um contexto precário de recursos e direitos sociais e políticos; e Letícia, que, sendo uma mulher branca, se desenvolveu em uma família de classe média/alta. Ambas vivenciaram sintomas depressivos e/ou ansiosos.

4.2 ANÁLISE FORMAL/DISCURSIVA

Nessa seção serão discutidas as análises das falas das participantes com quem foram conduzidas as entrevistas semiestruturadas e individuais. Após detalhada transcrição dessas

⁵ Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/depression-global-health-estimates>

⁶ Disponível em: <https://www.who.int/news/item/02-03-2022-covid-19-pandemic-triggers-25-increase-in-prevalence-of-anxiety-and-depression-worldwide>

⁷ Os nomes são fictícios.

entrevistas, as informações qualitativas foram construídas com base nas categorias de sentido que serão apresentadas a seguir.

4.2.1 Quando responsabilizar-se se torna uma obrigação

Nas entrevistas realizadas, pudemos elencar alguns destaques e, dentre eles, o da autocobrança. Enquanto Letícia comentava sobre os lugares da sua vida nos quais ela mais era demandada por desempenho, era possível notar um certo esforço de sua parte em aceitar essas atuais condições de sobrecarga e produtividade. Além disso, ela refletiu sob uma ótica em que esta seria uma questão a qual bastava ela mesma encontrar uma maneira de lidar, quase que desconsiderando os atravessamentos sociais e políticos que estão por trás dessa autoexigência. Em sua fala, trouxe que:

[...] eu acho que eu me cobro... deveria me cobrar mais nos estudos, mas ao mesmo tempo eu sou muito cobrada no trabalho. Então, eu meio que fico com essa cobrança dupla aí, né? E tentando lidar com tudo isso de uma forma menos automática, ruim. Tentando lidar com isso de uma forma saudável, né? (LETÍCIA, 2022, p. 9).

Se entende dessa fala que, embora ela consiga reconhecer a carga que seu trabalho lhe exige, ela inicia dizendo que deveria se exigir mais com relação aos seus estudos, ou seja, podemos compreender que há um movimento de validar essas demandas, e sobretudo por uma perspectiva que essa adaptação seja encarada como algo saudável. Como discutido anteriormente, uma das táticas da racionalidade neoliberal é aproximar o modo de funcionar de uma empresa aos nossos processos de subjetivação (DARDOT e LAVAL, 2016; SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021; HAN, 2017).

Esse trecho destacado da fala de Letícia também esbarra com o que Dardot e Laval (2016) vão apontar sobre a noção de adaptação que se faz fundamental para os ditames do sistema neoliberal. Enquanto um modelo que transpassa para uma certa interiorização da lógica do mercado, pode acontecer de nos tratarmos como empresas que estão continuamente se aperfeiçoando e se ajustando às novas normas. Todavia, diante de um contexto no qual o Estado vem a se fortalecer mediante nossas performances, é como se caíssemos numa armadilha em que somos submetidos a essas coerções, mas, ao mesmo tempo, também as reforçamos de algum modo. Segundo os autores, “a adaptação é uma tarefa sempre atual para que se possa recriar uma harmonia entre a maneira como ele vive e pensa e as condicionantes econômicas às quais deve se submeter” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 91).

A própria ideia de descanso também tem estado relacionada à disciplina. Carla (2022, p. 21) menciona que atualmente “tem essa cobrança externa de ser produtiva o tempo todo e, inclusive, descansar para ser produtivo”. Quando falava sobre sua dificuldade para dormir, chegou a uma reflexão:

[...] quando eu tenho muita coisa para fazer e eu não estou conseguindo, eu não consigo dormir porque eu fico me sentindo culpada pra dormir, sabe? Aí é uma coisa que eu tenho tentado cuidar muito, mas sempre acontece de estar quase dormindo e ficar: “eu não deveria estar dormindo porque eu não produzi o quanto era esperado do que eu tinha que fazer” (CARLA, 2022, p. 21).

É preciso ressaltar que, ao conversar com ela, Carla cita diversas atividades em que se envolve, mas ainda assim sente essa insatisfação com seu desempenho, a ponto disso se tornar um obstáculo para seu sono e fortalecer seu sentimento de culpabilização. Essa autocobrança exacerbada a qual muitas vezes nos confrontamos também se vale de um processo em que a noção de mercado é transformada em um processo autodisciplinador, interferindo na nossa própria individuação, isto é, na forma como nos relacionamos com nós mesmos (DARDOT e LAVAL, 2016).

A Carla ainda compartilhou uma impressão sobre os motivos pelos quais ela acredita que essa pressão por desempenho tem acontecido de forma exponencial: “parece que todo mundo deveria estar fazendo sozinho sua própria educação, sua própria saúde, e isso não se sustenta” (CARLA, 2022, p. 24). É sabido que o Estado neoliberal se desresponsabiliza pela garantia de direitos sociais e civis para a população (CHAUI, 2020). Isso porque as estratégias governamentais e econômicas, na verdade, traçaram outros caminhos. Um destes foi desenhar quais seriam as condições que levariam os sujeitos a se equiparar ao mercado.

Com o lema “Economia livre, Estado forte”, Dardot e Laval (2016) destacam ser evidente o fato que, desde o princípio, o objetivo estatal era se fortalecer de um lado, e nos deixar “à vontade” no mercado e na vida, sem que fosse preciso haver interferências de, por exemplo, políticas sociais. No diálogo, Letícia expôs sua opinião em relação à atual conjuntura sociopolítica do Brasil:

[...] essa questão de responsabilidade também inflamou a geração antiga, achando que “ah, porque eu corri atrás, eu fiz isso e vocês não fazem nada, vocês são só comunistas que querem ficar mamando das tetas dos pais e do governo”. Eu acho que esse discurso ficou muito mais inflamado (LETÍCIA, 2022, p. 10).

Com essa fala, Letícia toca na questão acerca de como as reivindicações pela garantia dos direitos básicos a qualquer pessoa para o exercício pleno da cidadania, têm sido encaradas com repulsa, oposição e até certa inadequação. Há, ainda, a ideia de exaltar o que se conquista por conta própria, desconsiderando que possa ser de responsabilidade do Estado contribuir com o acesso a determinadas frentes. Já na reflexão de Marina, ela relaciona que situações como essa também são decorrentes de uma determinada maneira de se pensar propagada pelo discurso neoliberal, em que somos

constantemente convidados a funcionar como indivíduos completamente soltos, né? Soltos no livre mercado. Na verdade, não soltos, né? Abandonados. Sem garantias, direitos trabalhistas, sem garantias do básico que seria o básico para viver segundo, por exemplo, a declaração dos direitos humanos. Essa soltura, essa liberdade do mercado, na verdade, é um abandono, né? É um dar as costas do Estado (MARINA, 2022, p. 5).

A liberdade de mercado, que é atribuída ao neoliberalismo e exaltada por muitas pessoas, também se confunde com a ausência do Estado sobre quais garantias ele deveria assumir para com a população. Nesse sentido, enquanto somos incentivados a exaltar esta suposta liberdade, não percebemos que o Estado continua exercendo sua função disciplinar, mas, agora, trata-se de centralizar esse poder na criação e regulação das estratégias para que a racionalidade política neoliberal se fortaleça (DARDOT e LAVAL, 2016).

E quando se fala em estratégia, é justamente para tonificar a ideia de que todas essas bases que sustentam o discurso e a prática do neoliberalismo foram ganhando corpo e se fortalecendo ao longo do tempo. Algo que foi planejado, e não espontâneo. Os atravessamentos da lógica mercadológica nos processos de subjetivação, por exemplo, exigiram que se propusesse “todo um trabalho de racionalização até o mais íntimo do sujeito: uma racionalização do desejo” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 333).

Além dessas questões, Aline, outra entrevistada, vai dizer que o outro lado bastante obscuro de todo esse conjunto de normas, valores e condutas, está sendo reduzido a respostas que são individuais:

Aparece assim como uma sensação de solidão e de responsabilização exclusiva, né? Não tem uma trama, uma rede que suporta e se corresponsabiliza [...] e a pessoa não consegue enxergar isso como um problema da lógica que ela tá seguindo (ALINE, 2022, p. 18).

Logo, ao mesmo tempo em que se costuma não perceber a negligência do Estado, de alguma maneira, passamos a nos ver como responsáveis pelas questões das quais ele se ausenta

e, ainda, tendemos a fazer isso isoladamente. Carla conta sobre alguns episódios marcantes de sua história, contextualizando sobre quais foram as condições sociais e econômicas da sua vida. Ela destacou um ponto que se faz central para essa discussão, principalmente pelo fato dela trazer recortes de classe, raça e gênero nas suas experiências:

Minha família é pobre, eu sou a primeira pessoa que tá fazendo faculdade e tudo. Tenho cinco irmãos, então desde casa eu já tinha esse ter que fazer tudo certo para merecer alguma coisa. É uma coisa que eu vi a minha vida inteira: nas relações, nos afetos, em relação ao emprego, à faculdade, à vida acadêmica, profissional, e é uma coisa que é da nossa cultura, né? [...] eu fui muito sozinha, eu sofri preconceitos em muitos espaços, então se eu não posso estar nunca, eu vou ser melhor do que eles!. Na escola, eu era muito boa. Em casa eu era muito boa. “Eu sou melhor do que os meus irmãos, eu sou melhor do que os outros alunos”. E agora eu percebo que na faculdade eu saí desse lugar [...] aqui eu passei a fazer parte, então não sinto que preciso competir com ninguém, ser melhor do que ninguém para ser aceita (CARLA, 2022, p. 25).

Atravessamentos como esses demonstram o impacto ainda mais problemático da pressão pela performance no atual cenário de desigualdades no Brasil. Carla é uma mulher preta, autodeclarada como lésbica e que cresceu em situações de vulnerabilidades social, política e econômica. Em seu relato, ela dá um enfoque sobre os efeitos da competitividade como uma forma de compensar as injustiças sofridas durante sua vida. A entrevistada costumava acreditar que só seria vista caso ganhasse o maior destaque nos espaços que frequentava, pois só assim se sentiria pertencente. Uma fala como essa não pode passar despercebida, tendo em vista que vem sublinhar as consequências de um modelo evidentemente desigual, mas que pode, ainda, nos levar a acreditar que as oportunidades são distribuídas igualmente a todos. Aline (2022, p. 18) diz que “ainda temos um ranço de enxergar um sujeito mônada e que tem só uma realidade intrapsíquica [...] e aí tem o neoliberalismo, têm as estruturas de gênero, de raça”.

O modo meritocrático de pensar nossa realidade é expressado na fala de Carla. Ao se inserir na faculdade e querer investigar os fatores de classe, política e raça, ela passa a compreender os efeitos da meritocracia na sua saúde, impactando, ainda, em como ela reconhecia seus esforços. Ela diz que

[...] diferente se você tem ou não condições, se você não conseguiu é por falta de esforços, né? Essa é a ideia que a galera prega. Se você não conseguiu, é porque você não merece. E até pro meu adoecimento isso contribuiu muito [...] você se cobra, se cobra e faz e abre mão de um monte de coisa porque não sobra tempo para se cuidar [...] porque você tá tão nessa de “eu preciso merecer, eu preciso merecer, eu preciso correr atrás, eu preciso fazer”, que a saúde é a última coisa que a gente pensa, né? Especialmente se for saúde mental (CARLA, 2022, p. 21).

No caso de Carla, o abandono social foi ainda mais intenso, pois ela não tinha conhecimento disso à época e compreendia que essas condutas eram as únicas possíveis dentro de seu contexto. Acontece que, em vista de conseguir melhores recursos de saúde, educação e bem-estar, Carla não se viu com outra opção a não ser se sacrificar em prol de desempenhos que fossem lhe dar retornos. Além dela não poder contar com o Estado, internalizou uma lógica de que seus próprios sentimentos de merecimento e realização pessoal dependiam disso.

Atualmente, Carla tomou consciência de todos esses processos e busca resistir a eles, questioná-los criticamente. Cabe, aqui, trazermos o que Aline (2022, p. 18) comenta sobre os recursos que temos, ou não, para enxergar essas nuances políticas por outros ângulos que não os dominantes: “tem gente que pela formação, pela família que tem, consegue ter esse olhar crítico. Tem gente que não, que realmente essa racionalidade é efetiva em não criar essa brecha de ter esse olhar”.

Diante de todo esse cenário, também podemos apontar para o fato de que o discurso meritocrático e neoliberal quer conduzir a comportamentos que têm como objetivo nos proteger de sermos substituídos a qualquer momento. Com relação a isso, Marina (2022, p. 8) fala que “é preciso haver um contingente de trabalhadores precarizados, desempregados, famintos, famélicos, desesperados, para que o patrão possa justamente explorar o empregado daquela forma”. Trabalharemos, na próxima categoria, o lugar extremamente central e estratégico da competitividade no neoliberalismo.

4.2.2 Uma maratona sem linha de chegada

A ideia de maratona veio à cabeça enquanto estudávamos as falas que vão ser apresentadas neste tópico. Ao nosso ver, pensar em maratona é associar à uma atividade contínua e, por vezes, repetida. O outro sentido que podemos pensar é a corrida, as longas competições que são intituladas de maratona, isto é, alguma atividade que seja repleta de etapas a serem superadas. Alguns podem querer o pódio, outros podem só querer participar da corrida e sentir que estão conseguindo se superar de alguma maneira. Ainda há espaços para se ter outras interpretações, todavia, sugerimos que o ponto em comum entre tais devaneios é a noção de superação de um determinado objetivo, demarcando seu fim. No caso das maratonas de corrida, esse ponto final costuma ser a linha de chegada.

Para discutir do que se trata a racionalidade política neoliberal, Dardot e Laval (2016) vão aproximá-la do que entendemos como sendo um contexto esportivo de atletas de alto rendimento. Assim, a impressão que fica é a de que há uma busca não apenas por correr em maratonas, mas essencialmente por competir nelas. Toda essa ausência do Estado na garantia de direitos básicos à população acaba por fortalecer a sensação de desamparo social (BIRMAN, 2017). Para aqueles que ainda passam ou tiveram que passar por necessidades de base, a inserção social se torna cada vez mais dificultosa e distante, já que, afinal de contas, a ideia que se propaga é a de que a responsabilidade é exclusivamente nossa (BIRMAN, 2017).

Diante da história de Carla, ela comenta sobre sua perspectiva de como a competitividade se faz presente em sua vida:

[...] acho que em alguma medida, isso é inevitável! Até relacionado às questões que conversamos antes, da meritocracia, da falta de acesso que estamos tendo a tudo. Tem sido uma questão que eu percebo, né? Porque não tá tendo pra todo mundo, sabe? E isso contribui muito pro adoecimento [...] e é incentivado em todos os espaços: no trabalho, nas escolas (CARLA, 2022, p. 25).

Nas palavras de Birman (2017, p. 75), “se a distribuição justa do gozo é impossível, é preciso arrancá-lo custe o que custar”. E, por esse sentido, a competitividade não se resume mais a alguns contextos, é como se implicitamente ela pudesse se enlaçar às nossas trocas afetivas. Ao referenciar Marx, Marina tece uma reflexão acerca do quanto podemos cair nessa zona em que nos tornamos alienados frente ao que nos circunda social e politicamente. Ela diz:

Marx descreveu, lá no Capital, o fetichismo de mercadoria... um processo através do qual a gente tende a apagar a história por trás dos produtos, dos objetos, das mercadorias. Ele nos explica que esse apagamento serve para que a gente escamoteie... a gente esconda e nunca sejamos plenamente conscientes do funcionamento bárbaro por trás da lógica de mercantilização, de produção, de circulação das mercadorias [...] essa lógica também se aplica não só aos objetos, mas também às nossas relações (MARINA, 2022, p. 2).

Dessa fala de Marina, é possível extrair que o neoliberalismo se infiltra nas nossas relações mesmo que por vezes não o percebamos. Uma das frentes de incentivo a essa competitividade é a ideia da busca pelo desempenho ideal que, como vimos, pode nunca cessar pois o estímulo é para que busquemos sempre mais. Para o autor Malina (2021, p. 48), “não deve haver interrupção nessa eterna procura por mais e isso deve ser levado a todos os aspectos da vida, essa busca por uma performance cada vez ‘melhor’”. Além disso, a competitividade também se volta para a forma como nos relacionamos com nós mesmos.

Em um tom de revolta, Carla aponta que “você precisa ser o melhor profissional não para ser um bom profissional, mas pra ganhar dos outros profissionais [...] ser bom não é o suficiente” (CARLA, 2022, p. 25). A entrevistada faz esse comentário em um momento no qual ela expressava sua insatisfação diante do que sente ser uma das principais causas para sua dificuldade em lidar com esse excesso de demandas. Em seguida, Carla indaga sobre a seguinte questão: “essa coisa de ter que ser o melhor em todos os espaços, eu acho que é algo planejado que a galera lucra, sabe?” (CARLA, 2022, p. 25). Diante de uma fala como essa, Carla sinaliza que percebe a acentuada exigência que se faz em termos de buscar se destacar. Acontece que isso não se restringe apenas à esfera laboral, do trabalho e da produtividade. Na verdade, se alastra para outros contextos da nossa vida.

Marina relata que essa tendência contemporânea pode começar até mesmo de dentro do ambiente familiar:

[...] nós tratamos a nós mesmos, a nossa própria relação conosco tem esse traço do neoliberalismo [...] por exemplo quando nós tratamos nossos filhos como investimento, sempre procurando conferir experiências e práticas pensando numa espécie de lógica bancária, como se nós estivéssemos ali investindo numa commodity que vai ser mais valorizada segundo esse investimento (MARINA, 2022, p. 1).

As escolas neoliberais, por exemplo, são um dos grandes aliados na propagação desse discurso meritocrático. Para Marinho (2020), desde cedo a grande maioria das escolas se sustenta por seus números, que, na realidade, aparecem para representar os alunos que foram aprovados nas grandes universidades. Aqueles que são aprovados nessas instituições de destaque costumam ser estampados em propagandas como troféus, trazendo maior visibilidade para as escolas. Cada vez mais, o principal critério para a realização da matrícula de um aluno é o quanto a escola é reconhecida por sua quantidade de aprovações. Logo, não é à toa que a noção de capital humano ganha ainda mais força nesse contexto educacional, o que estimula a competitividade desde cedo na vida (MARINHO, 2020).

Aline vai dizer que “essa ideia da vida e da subjetividade como uma empresa a ser gerida e que tem de visar esse lucro, impacta totalmente na forma de estabelecer laço social, que fica permeado por isso de ‘eu preciso vencer’” (ALINE, 2022, p. 19). Safatle, Junior e Dunker (2020, p. 49) salientam que o neoliberalismo se configura enquanto uma racionalidade justamente por ter “modos de controle cada vez mais sofisticados” e, para tanto, a suposta liberdade de escolha é, na verdade, fazer escolhas que ainda se inserem nessa lógica de

funcionamento do capital, mesmo que não nos demos conta de que ainda estamos sob o domínio de toda uma operacionalização do sistema neoliberal.

Por essa via, também podemos cair naquela lógica exaustiva de que nunca será suficiente. Ao mesmo tempo, aquele dizer “busque sempre sua melhor versão”, que é largamente propagado nos dias de hoje, pode apontar também para essa constante busca por aperfeiçoamento, quase que um exemplo de representação de si ideal. Ao mesmo tempo, cabe nos questionarmos se essa busca realmente teria seu ponto de chegada. Quando Han (2017) discute sobre o *exagero de positividade* que tem sido a marca do atual período histórico, o autor vai defender que isso é, em si mesmo, uma violência, pois uma das promessas que se propaga é a de que poderíamos alcançar tudo aquilo que quiséssemos caso colocássemos esforços nisso.

Assim, com relação à forma pela qual nos atribuímos valores, Marina reflete:

Na nossa sociedade, o nosso valor está muito associado à nossa capacidade produtiva, né [...] a gente considera mais o valor que alguma coisa tem no mercado das trocas, do que o valor que aquilo tem para nós mesmos [...] competitividade nada mais é do que o resultado da lógica mercantil aplicada a nossas vidas, né... Então nós nos vemos como objetos trocáveis uns pelos outros (MARINA, 2022, p. 8).

Notamos que, de certa forma, estamos habituados com tamanha pressão por desempenho e, mesmo que nos questionemos perante tamanha sobrecarga, parece haver uma certa valorização social quando alguém fala que está com a agenda cheia de compromissos, sem disponibilidade, envolvido com várias atividades ao mesmo tempo, etc. É como se houvesse essa tendência de ser mais comum falar que está ocupado do que disponível, e atribui-se valor a isso. Aline, nesse sentido, vai sublinhar um dos sintomas que tem aparecido bastante na fala de seus pacientes na clínica:

[...] é um excesso de trabalho, muitas pessoas trabalhando até 13h por dia e, se para por 1h porque não tá dando conta, já vem a culpabilização porque não está produzindo o suficiente [...] é um “eu não dou conta”, “mas fulana consegue muito mais do que eu, eu que sou fraca e não dou conta, não consigo produzir” (ALINE, 2022, p. 18).

Quando Dardot e Laval (2016) discutem sobre estarmos envolvidos com uma “ética da empresa”, os autores explicam que é como se a nossa vida inteira, em todos os seus âmbitos, dependesse de um sucesso profissional que não há de cessar. Além disso, a contemporaneidade exalta o discurso de resolver algo por si só, sem precisar de um outro, um auxílio, uma mão. É como se o sujeito que conseguisse resolver tudo por si só se aproximasse de uma suposta imagem de super-herói. Em suas palavras, Chuai (2020, p. 321) vai definir que essa noção do

sujeito como um empresário de si mesmo é “dominado pelo princípio universal da concorrência disfarçada sob o nome de meritocracia”.

Diante de toda essa conjuntura na qual somos encorajados a ser os únicos responsáveis pelo que nos ocorre, a sensação que fica é a de não conseguir desligar-se da produtividade sem culpa e/ou preocupação. A comparação com as outras pessoas também é muito presente, uma vez que a lógica da competitividade parece estimular a percepção de que enquanto você descansa e desacelera na maratona, há sempre alguém que está à frente. Nesse sentido, Carla compartilha essa outra dificuldade:

Tem uma outra coisa que pesa, que é a comparação de tempo como se todo mundo tivesse que ter o mesmo tempo [...] por exemplo, eu entrei na faculdade assim que eu saí da escola, só que eu tranquei algumas vezes, teve semestre que eu precisei pegar menos, e aí tal pessoa formou, tal pessoa que tem a sua idade casou, "você tá atrasada, deveria estar trabalhando, devia ter casado, devia ter feito isso" [...] socialmente tem essa comparação, como se tivesse os marcos da vida e deveriam ser os mesmos para todo mundo (CARLA, 2022, p. 22).

Ao dizer isso, Carla também estava se referindo aos períodos em que se viu sem vontade de levantar da cama e também se queixava por não estar conseguindo desempenhar da forma que gostaria. Em diversos momentos de sua fala, era possível perceber que a entrevistada tinha conhecimento sobre as várias estratégias que o sistema neoliberal utilizava, e inclusive verbalizava que todo esse cenário era muito problemático e adoecedor. Ainda assim, nesse trecho acima, observamos que ela se comparava e se sentia angustiada por julgar não estar acompanhando as outras pessoas, o que vai de encontro ao que Dunker (2017) diz sobre a aproximação que se tem entre certas expectativas da ideologia dominante e as experiências de prazer oriundas destas. Nesse mesmo sentido, a Marina traz que

[...] não tem nosso desejo, digamos, independente de toda essa lógica [...] quando a gente atende a desejos, a gente também atende a essa lógica. O que nós podemos fazer é estabelecer uma relação de crítica participativa [...] procurando revelar as contradições e as limitações dessas formas de vida (MARINA, 2022, p. 4).

Letícia, por sua vez, também reconhece o quanto esse conjunto de discursos neoliberais, que legitimam a sobrecarga e valorizam agendas super lotadas e atarefadas de produtividade laboral, foi comprometedor para ela. Hoje, depois de ter vivenciado um processo de sofrimento psíquico intenso, com vários sintomas depressivos e ansiosos, ela percebe que renunciou questões de suma importância para sua vida, se sacrificando em prol do desempenho. Comentou:

A cobrança minha era enorme! Era isso ou isso. Não tinha outra saída, não tinha outra coisa. Hoje em dia eu vejo que não precisava daquele peso todo, eu não precisava ter me cobrado tanto, ter me privado de tanta coisa por conta disso. Porque não era a única coisa, a coisa mais importante da minha vida... hoje, eu percebo que não era! (LETÍCIA, 2022, p. 14).

Quando Birman (2017) sugere que uma das principais fontes de mal-estar na contemporaneidade é o domínio da ação, o autor vai apontar para a associação que se tem entre a falta de elaboração do registro simbólico e o domínio das compulsões. Para ele, a ação, nos dias de hoje, pode vir a se revelar sobretudo como uma compulsão. Assim, “para não implodir o corpo, com efeito, a subjetividade prefere explodir pela ação [...] o dito mal-estar se caracteriza pela pequena e até mesmo nula presença de formas de simbolização” (BIRMAN, 2017, p. 217).

Se a generalização da concorrência é tida como um dos pilares fundamentais da racionalidade política neoliberal, esse tipo de *compulsão por agir*, como a autora Almeida (2021) também se refere, acaba por fortalecer esses discursos. Marina vai dizer que “é muito mais comum nas nossas vidas a gente partir para uma obtenção de satisfação que nós já conhecemos, mesmo que ela seja dolorosa, mesmo que nos custe caro, mesmo que ela nos exija renúncias” (MARINA, 2022, p. 5).

No entanto, ainda com relação a esse tipo de automatismo da ação e do desempenho, ao qual muitas vezes respondemos, trazemos as palavras de Dardot e Laval (2016, p. 367) quando, em tom crítico, os autores sublinham que o sujeito com sintomas depressivos costuma ser referenciado como: “o sujeito que não aguenta a concorrência pela qual pode entrar em contato com os outros é um ser fraco, dependente, que suspeita não estar ‘à altura do desafio’”.

De fato, não à toa que, refletindo sobre as maneiras pelas quais a depressão também aparece em sua clínica, Marina vai dizer que “na lógica que o capitalismo nos exige, a depressão nada mais é do que o sujeito se colocar em modo de contenção da bateria [...] é um mundo repleto de determinação, de ordenamento, de normatividade” (MARINA, 2022, p. 7).

E entendemos que, diante de toda essa maratona sem linha de chegada, a competitividade também é um fator que colabora para a acentuação dos sintomas depressivos e/ou ansiosos na atualidade. Podemos apontar, ainda, para o distanciamento afetivo nas relações, o comprometimento dos laços sociais e o fortalecimento do individualismo que será melhor abordado na próxima categoria de análise.

4.2.3 O excesso do prefixo “auto”

Como comentado por Henderson (2021, p. 14), vivemos em um período em que há uma danosa valorização do *ideal da autonomia*, e “o indivíduo capaz de ‘autonomia’ é aquele que é senhor da sua própria vida, que faz sem esperar o outro, que constrói suas próprias leis”. Não à toa que abrir espaço para um outro com quem contar tem sido cada vez mais raro, sendo um assunto muito discutido atualmente (BIRMAN; 2006; 2017; FERRAZ, 2018). Podemos dizer que um dos motivos para isso é a supervalorização que se faz quando o sujeito acredita ser o único responsável pelo que lhe acontece e, ainda, entender que pedir ajuda é errado. Letícia e Carla trazem que

[...] é como se fosse demonstração de fraqueza, né? Você pedir ajuda. É como se você não pudesse pedir ajuda porque você precisa resolver isso sozinha. Se você está pedindo ajuda, é porque você está reconhecendo a sua incapacidade. Eu escutei isso do meu pai a vida inteira [...] sempre foi uma coisa difícil de fazer (LETÍCIA, 2022, p. 14).

Eu costumo falar mais é na terapia, uma vez na semana. Mas, de pessoas que eu gosto e tudo, é uma dificuldade que eu ainda tenho. Eu sempre tive muita dificuldade de pedir ajuda, eu sempre me senti muito culpada de pedir ajuda, e aí é uma coisa que eu tenho tentado desconstruir (CARLA, 2022, p. 23).

A fala de Carla toca em um ponto importante quando ela comenta se sentir culpada por pedir ajuda, principalmente para pessoas com quem estabelece laços mais íntimos. Ao mesmo tempo, podemos pensar que ao pedir ajuda, tanto Carla quanto Letícia teriam a sensação de estar incomodando a outra pessoa e/ou atrapalhando-a em suas próprias questões. Letícia traz ainda para a discussão essa ideia de que reconhecer uma falta em si mesma e, então, contar com um outro, seria considerado um sinal de fraqueza.

É evidente que hoje em dia há um excesso do uso do prefixo “auto”, que tem acompanhado aquelas palavras que remetem ao discurso neoliberal de compreensão do ser humano como uma empresa a ser gerida, bem como um empresário de si mesmo. Para citar exemplos, fala-se em autoajuda, autoestima, autocontrole, autossuficiência e autonomia. Tal conjuntura aponta para justamente um autocentramento do sujeito contemporâneo, marcado fortemente pela individualização de processos importantes que poderiam ser compartilhados, enquanto que a libido tem sido dirigida cada vez mais para o Eu (BARBOSA; CAMPOS; NEME, 2021).

Enquanto seres sociais e em relações, a autonomia deve ser compreendida a partir de um conjunto de fatores que se entrelaçam. Para Kinoshita (2001),

Entendemos a autonomia como a capacidade de um indivíduo gerar normas, ordens para a sua vida, conforme as diversas situações que enfrente. Assim, não se trata de confundir autonomia com autossuficiência nem com independência. Dependentes somos todos [...] Somos mais autônomos quanto mais dependentes de tantas mais coisas pudermos ser, pois isto amplia as nossas possibilidades de estabelecer novas normas, novos ordenamentos para a vida (KINOSHITA, 2001, p. 57).

Todavia, o que se vê é justamente o contrário do que Kinoshita (2001) propõe. No cenário neoliberal, onde a competitividade se infiltra nas relações, podemos acabar caindo no buraco de um individualismo em que nos fechamos em nós mesmos, sem muitos espaços para a alteridade.

A autora Ferraz (2018) propõe sobre o fato de que, hoje em dia, há uma “cultura da indiferença”. Ela sublinha que o sofrimento humano guarda uma dimensão alteritária, no entanto, o que tem se observado atualmente é um entorpecimento dos afetos, o que se estabelece como uma das faces centrais do mal-estar na atualidade. No contexto clínico, por exemplo, ela afirma que a vontade de conseguir controlar melhor as emoções tem aparecido exponencialmente no discurso dos pacientes, e costuma-se associar essa necessidade a um senso de independência total do outro como condição para se sentir melhor consigo mesmo (FERRAZ, 2018).

Para citar como mais um exemplo, Marina reflete sobre algumas das maneiras pelas quais temos lidado com o sofrimento, sendo estas questões recorrentes no seu consultório:

[...] o que tá acessível como remédio ao sofrimento são respostas individualizantes, né? Alienantes. Como Marx já tinha descrito também, é uma modalidade de desorganizar as pessoas, de pulverizar e de fragmentar a experiência humana que é, na verdade, uma experiência coletiva, né? [...] e aí nós vemos as pessoas se isolarem, nós vemos as pessoas se deprimirem. Muitas vezes, deixarem de ter prazer, deixarem de ter satisfação na relação com os outros (MARINA, 2022, p. 3).

Ao falar sobre como estava antes e depois do seu processo de adoecimento, Letícia destaca que uma das principais mudanças que percebeu em sua vida foi justamente em relação às maneiras de lidar com suas dores. Até mesmo nos episódios de maior agudização de seu sofrimento, nas suas crises de ansiedade, Letícia buscava se isolar, já que pedir ajuda era algo potencialmente aversivo para ela. Ela diz:

Antes eu guardava tudo pra mim, né? Era tudo eu que tinha que resolver e lidava com

isso sozinha da pior maneira possível. Eu começava a ter uma crise de ansiedade, eu ia pro quarto e ficava tentando lidar com isso sozinha por horas, até passar. E hoje em dia, não [...] eu não preciso mais lidar de uma forma solitária, eu posso fazer isso de maneiras mais agradáveis e pedindo ajuda para outras pessoas [...] entender que eu posso pedir ajuda, tá tudo bem... [...] hoje eu consigo falar mais abertamente, não é sempre... é bem raro, mas eu consigo. Consigo me abrir, consigo ter esse lado (LETÍCIA, 2022, p. 13).

Enquanto refletia, Letícia procurava achar maneiras de falar sobre como se via no momento atual, procurando palavras que pudessem expressar o que queria dizer. Vimos que essa dificuldade ainda é presente em sua vida, contudo, hoje ela reconhece o quanto que o isolamento foi prejudicial a ela, se incomoda com isso e busca não perder de vista que, como ela disse, “*tá tudo bem pedir ajuda*” (LETÍCIA, 2022, p. 13).

Carla, por sua vez, relata que a arte da escrita é o seu principal ponto de apoio em momentos de muita angústia. Ao escrever, Carla diz que consegue expressar seus sentimentos e isso já é uma maneira de ir elaborando:

Eu tive momentos de depressão muito intensos, de ansiedade muito intensa, de tentativa de suicídio, de automutilação. E muitas vezes, a saída pra mim era a arte... de escrever no papel pra botar ali no papel e não botar no pulso, sabe? [...] a arte é muito importante nos meus processos até hoje! (CARLA, 2022, p. 22.).

Para Marina (2022, p. 3), “o neoliberalismo tende a fazer com que nós esqueçamos esse liame social que somos, na verdade, formiguinhas pertencentes a uma civilização”. Dessa forma, acontece que nossa sociedade contemporânea é conhecida pela cultura do narcisismo, em que não há espaços para compartilhar os lugares em que falhamos e não alcançamos, pois assim nos veríamos como limitados e insuficientes (BIRMAN, 2021).

Muitas vezes, perdemos de vista a nossa condição originária de desamparo, de dependência do outro. Ser autossuficiente é, de fato, uma grande ilusão da atualidade. Ainda assim, Birman (2017, p. 127) sinaliza que a tendência é transitarmos entre as dimensões do desamparo e do sentimento de onipotência, mas que, nos dias de hoje, a onipotência costuma ser predominante, caracterizando o sujeito como aquele que “se hipertrofia pelo recentramento narcísico no eu, insuflando sua crença ilusória da autossuficiência”.

Para Han (2017, p. 10), o sujeito narcísico é aquele que não reconhece a singularidade do outro e faz desse cenário o terreno perfeito para o isolamento em si mesmo e, ainda, para só encontrar “significação ali onde consegue reconhecer de algum modo a si mesmo”. Por essas vias, a nossa fonte de prazer tem sido reduzida constantemente a um viés narcísico de

desempenho, do qual buscamos nos satisfazer a partir de nossas próprias performances, bem como de identificações especulares.

Nesse sentido, sabemos que o desamparar-se é reconhecer nossas próprias insuficiências e saber que o outro também falta, mas que é exatamente por esses espaços da falta que vai fazer do sofrimento a experiência de alteridade (HENDERSON, 2021). Birman (2021) nos lembra de que a simbolização só ocorre com esse reconhecimento da falta em nós mesmos e nos outros. Contudo, o que vemos são inúmeras formas de tamponar essa falta que nos constitui enquanto sujeitos, além de se ter maneiras individualizantes para lidar com o que nos afeta.

À essa perspectiva de reclusão, de não se voltar ao outro e se manter em uma posição distante dos laços sociais, Birman (2021) diz que se trata do *desalento*, diferenciando-o do desamparo. Tanto a fala de Letícia quanto a de Carla também exemplificam que ambas transitaram por esse estado de desalento. Durante a pandemia da Covid-19, por exemplo, Letícia traz que o isolamento social ocasionado pelo período da quarentena não foi um fator que ela teve dificuldade para enfrentar:

eu lembro que o pessoal começou a sentir muita falta de sair, encontrar e tal... só que eu já estava nesse processo de isolamento na época, porque eu já estava estudando muito pro concurso e eu tava ficando muito tempo sozinha em casa. Então, essa adaptação eu não sofri tanto, mas eu vi outras pessoas sofrendo bastante (LETÍCIA, 2022, p. 10).

É possível destacar dessa sua fala o quanto Letícia já estava habituada com o enfraquecimento de seus laços sociais. O fato de estar sozinha não foi visto por ela nesse momento como prejudicial e, também, estava imersa em uma rotina de estudos para sua prova de concurso público, a qual era toda preenchida com um empenho em produzir e uma vontade de se aperfeiçoar naqueles conteúdos. Com relação a isso, é importante pontuar que os sintomas depressivos guardam características narcísicas na medida em que nos fechamos em nós mesmos, sem conseguir e buscar estar na alteridade do outro (HAN, 2017).

Birman (2021) vai dizer que dentro desse contexto individualista no qual nos encontramos hoje, o sentimento de culpa expressa que ainda há uma característica altruísta, pois de alguma maneira indica que ainda podemos reconhecer nossas faltas e estar para com o outro. Trata-se, para o autor, da fraternidade como um projeto ético e político (BIRMAN, 2017; 2021).

Assim, na obra *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*, Safatle (2015) parte do princípio de que o desamparo se tornou uma necessidade visceral e

urgente da sociedade e do sujeito contemporâneos, tendo em vista que é através dele que poderíamos encarar nosso vazio e conseguir esse espaço para a simbolização de nossas experiências, além de compartilhá-las com o outro e nos aproximarmos potencialmente de uma maior liberdade para com o nosso desejo.

Na dificuldade em estabelecer relações com o outro, Birman (2017, p. 193) sublinha que a interlocução está se esvaindo na contemporaneidade e que, nesse sentido, “o vazio da subjetividade atual é o correlato do mundo que perdeu o sentido”. Sem a abertura à experiência compartilhada do desamparo, os processos de subjetivação são entorpecidos, tendo em vista que não são elaborados recursos simbólicos para dar significado a esses sofrimentos. Marina comenta perceber que:

[...] a depressão nada mais é do que o resultado de um processo de alienação, um processo de desvinculação social, familiar, comunitária [...] a pessoa que tá saindo de um contexto deprimido é a pessoa que consegue se revincular à vida, que vai devagarzinho reencontrando prazer e satisfação na vinculação social (MARINA, 2022, p. 5).

4.2.4 A depressão que convoca

Longe de querer romantizar o sofrimento dos quadros depressivos, a presente categoria quer delinear de que maneiras a depressão, enquanto um sintoma social, pode vir a convocar os sujeitos que a experienciaram. Para iniciar, queremos resgatar o que Han (2017) entende como *sujeito do desempenho*. Fazendo um comparativo com a *sociedade disciplinar* de Foucault, ele vai dizer que atualmente somos guiados pelo dispositivo do *poder*, e não mais o do *dever*. Enquanto acreditamos que somos livres para escolher, produzir e poder ser “quem quiser”, o autor propõe que “o explorador é ao mesmo tempo o explorado”, sendo esse o traço essencial que delinea o paradoxo da noção contemporânea de liberdade individual no neoliberalismo (HAN, 2017, p. 30).

Letícia passou um tempo significativo estudando para uma prova de concurso, a qual almejava muito ser aprovada. Por um longo período, ocupou grande parte da sua rotina para seus estudos, abrindo mão de outros momentos em que poderia ter socializado e estabelecido laços com outras pessoas. Quando perguntei a ela como era sua relação com a produtividade na época em que descobriu estar com depressão, ela disse:

Era bem caótico [...] foi um momento que eu acho que nunca mais vou fazer isso na minha vida, porque não me fez bem [...] o que mais me pegou foi que depois de todo

esse esforço, a minha prova foi suspensa [...] depois com a pandemia tudo desregulou, eu não conseguia estudar, não tinha mais ânimo, não tinha mais motivação, não mais esperança de nada (LETÍCIA, 2022, p. 11).

Observamos que toda a motivação de Letícia estava inteiramente destinada a essa prova e à expectativa das coisas saírem como ela estava se organizando para acontecer. Um dos motivos para sua melhora, inclusive, é atribuído ao trabalho que voltou a se vincular: “eu comecei a ter uma melhora porque no ano passado eu fui chamada no concurso [...] aí comecei a correr atrás, voltar a estudar, mas prejudicadíssimo!” (LETÍCIA, 2022, p. 11). Além disso, embora ela reconheça que esse momento da sua vida foi adoeecedor, sem se dar conta, Letícia acaba caindo em um discurso do qual ela vai expressar que ainda tem vontade de recuperar aquela mesma performance que lhe trouxe muito sofrimento: “Até hoje eu não consegui voltar aos estudos da maneira como eu gostaria, né? Que era como eu estava estudando antes do adoecimento, da pandemia e tudo, né?” (LETÍCIA, 2022, p. 11).

O momento que ela identifica como sendo o de início de uma melhora de seu estado depressivo, foi quando manteve sua rotina de desempenho da seguinte forma:

Depois de todo o meu processo de depressão, eu voltei a estudar já estando trabalhando. Então, foi outra adaptação completamente absurda que eu tive que lidar, porque o meu trabalho são 7h por dia só, e geralmente a gente faz 6h corridas sem intervalo e o que sobra eu estudo. Então, eu tento estudar um pouco de manhã, um pouco a noite e trabalhar no período da tarde. Mas, parece que não dá tempo! Não sobra tempo! (LETÍCIA, 2022, p. 12).

Ao dar esse exemplo de como eram suas atividades cotidianas, Letícia afirma que essas têm sido suas estratégias para cuidar melhor de sua saúde mental, buscando reduzir sua carga horária de produtividade. Ainda assim, ao se queixar da falta de tempo, é possível extrair que ela continua com uma sensação de insuficiência com relação aos seus esforços. Atualmente ela tem ocupado um cargo no serviço público, contudo, está almejando assumir um outro no lugar, e por isso sua autocobrança nos estudos ainda não cessou da forma como ela gostaria.

Pelo que vem sendo discutido ao longo do trabalho, sabemos que diante da racionalidade neoliberal, costumamos estabelecer metas para as nossas tarefas, mas estas acabam por ganhar novos prazos, se atualizarem e outros objetivos são realocados no lugar. A dita maratona sem linha de chegada

Se a lógica de aprimoramento é constante, suponhamos que há certos ganhos para ela se perpetuar. Para Safatle, Junior e Dunker (2020, p. 71), “embora essa nova mentalidade resulte em sofrimento para os sujeitos, carregados de expectativas, descolados de suas condições

objetivas e totalmente responsabilizados por seus fracassos, ela é capaz de mobilizar afetos e ganhar adesão social”. Carla, por exemplo, diz sentir que a maneira pela qual ela se vê e se valoriza enquanto pessoa está relacionada ao seu desempenho. Segundo ela, é um ciclo repetitivo:

Funciona meio que como um ciclo pra mim, porque nos períodos mais intensos de sofrimento psíquico, por exemplo, uma coisa que é muito comum é ter baixa autoestima [...] e a minha autoestima sempre foi muito relacionada a desempenho (CARLA, 2022, p. 22).

Uma vez que as oportunidades são reduzidas e não disponíveis a todos, passamos a exigir ainda mais de nós mesmos e sentir que estamos fazendo todos os esforços necessários para alcançar aquilo que desejamos. Mas são esforços completamente individuais. Isso, como vimos, é o caráter intrínseco da meritocracia que potencializa os sentimentos de injustiça, desigualdade e disparidade entre as pessoas (CHAUI, 2020; SOUZA, 2020).

Essa associação feita entre o quanto nós desempenhamos e o quanto nos valorizamos pessoalmente é uma característica central do neoliberalismo. Ao nos tratarmos como capital humano, os atravessamentos do discurso mercadológico não se limitam ao trabalho em si; na verdade, as esferas do trabalho e da produtividade passam a ser tidas predominantemente como nosso objetivo de vida (DARDOT e LAVAL, 2016).

Além disso, ainda temos o enlace de um padrão meritocrático que se reforça de forma constante. Carla, por exemplo, diante de um abandono social, internalizou toda a responsabilidade pelas suas condições sociais, econômicas e políticas durante grande parte da sua vida. Marinho (2020, p. 129) vai sublinhar que a concorrência da meritocracia é tida como “fundamental na valorização do próprio capital humano do indivíduo, resultando num processo que se retroalimenta a cada rodada”.

Para exemplificar, Carla e Letícia comentam sobre a vontade de desistir ao perceberem que não conseguiriam responder do modo como queriam:

[...] teve épocas que quando eu via que eu não ia conseguir, eu desistia. Teve uma época que eu desisti de muita coisa [...] porque se não ia ser o desempenho que eu queria, que eu achava que ia ter, então não adiantava, não valia a pena (CARLA, 2022, p. 22).

[...] foi dando um sentimento de desistência [...] foi dando um sentimento de "cansei, deu!", que aí foi quando eu comecei a entrar num processo depressivo, né? Nesse período, eu não consegui estudar, não consegui fazer nada. Foi um período só de tentar me voltar ao normal, né? (LETÍCIA, 2022, p. 11).

A busca pelo desempenho perfeito é um dos paradoxos neoliberais, já que, de um lado, podemos nos empenhar com o intuito de ter o melhor resultado; e do outro, esse melhor fica cada vez mais distante, por ser justamente nessa necessidade de adaptação ininterrupta que a sensação de insuficiência se configura. Grosso modo, além de não obter, de fato, o resultado perfeito, o discurso que se propaga é de que devemos exaustivamente alcançá-lo (DARDOT e LAVAL, 2016).

A concepção de “ética da empresa” aponta para essa busca em potencializar cada vez mais o lucro diante das nossas experiências, e, de maneira a preparar o terreno para que isso aconteça, a estratégia é racionalizar o desejo (DARDOT e LAVAL, 2016). Com efeito, nos vemos imersos em um contexto em que somos estimulados a preencher todo nosso tempo com atividades. Aline traz a hipótese na qual

Talvez essa racionalidade opera um distanciamento, uma alienação desse desejo e que a condução da vida fica mais orientada por outras balizas que não o desejo [...] vai implicando em modos de vida que são mais propensos, que produzem um terreno mais propício para a emergência dos sintomas depressivos ou pra interpretação enquanto sintomas depressivos (ALINE, 2022, p. 19).

O foco da contemporaneidade neoliberal tem sido agraciar muito mais o senso de eficácia do que o da alma, da interioridade. Logo, o sofrimento também vai se constituir nessa perspectiva de mercantilização da vida. Marina diz:

Nós não conseguimos sofrer de maneira distinta do que o próprio mundo operacionaliza, né? O sofrimento nada mais é do que uma espécie de insatisfação ou de incompletude que a gente experimenta diante das condições reais, através das quais o mundo opera e funciona (...) nós sofremos como mercadorias (...) nós estamos presos em um labirinto (MARINA, 2022, p. 2).

Nesse aprisionamento dos ideais de melhor performance e do constante autoaperfeiçoamento, nos vemos presos em uma areia movediça: quanto mais nos movimentamos e produzimos, mais poderemos afundar nessa espécie de *autocooção destrutiva* (HAN, 2017). Essa necessidade que vemos em estar respondendo a todas as demandas pode vir a nos distanciar de nós mesmos, já que nossa atenção está majoritariamente voltada para o que se espera de nós enquanto *sujeitos de desempenho*. Letícia comenta:

Quando eu voltei a trabalhar, a estudar, eu pensei: “não, não dá! eu não posso ficar sendo só produtiva 100% do tempo, eu tenho que ter um tempo para mim porque senão eu não vou conseguir ser produtiva, senão eu vou voltar naquele ciclo lá de novo que eu tava só sendo produtiva”, e chegou um tempo que o parafusinho soltou, né? [...] eu já não estava mais dormindo, acordava de hora em hora, não conseguia descansar! e de manhã, eu não conseguia levantar, né? e no período do dia, pra

estudar, também não tinha ânimo (LETÍCIA, 2022, p. 12).

Percebemos, por sua fala, que Letícia associou a redução de sua produtividade com a própria ideia de se ter mais produtividade, e isso também apareceu na fala de Carla, quando ela vincula seu descanso à uma maneira de otimizar ainda mais seu desempenho. O descanso enquanto sinônimo de estado contemplativo tem se perdido na contemporaneidade. É como se ficássemos acordados para as performances, mas adormecidos de nós mesmos. Nesse sentido, o automatismo pode nos levar a responder com ações que sejam desprovidas de simbolizações.

De acordo com Birman (2017) e Almeida (2021), esse registro da compulsão pelo agir é realmente uma das marcas do mal-estar contemporâneo, apontando para uma falta de elaboração que se repete de modo constante. Com relação a essa repetição, Marina (2022, p. 6) compartilha que “é muito mais fácil nós partirmos para a repetição do que para a elaboração”. Contudo, vimos que isso traz sérias consequências e Marina as sinaliza em diversos momentos durante a entrevista.

No que se refere à essa negação do mal-estar, na busca por reprimi-lo, vamos de encontro com o que Ferraz (2018) discute sobre as saídas que encontramos para não olharmos para o que nos afeta. O imperativo de vivenciar o máximo de experiências que pudermos opera pela via da negação da dor, segundo a autora. Em contrapartida, a dor traz, em si, um potencial criativo e simbólico ao qual Han (2021) vai se referir como a *poética da dor*. Quando ele define a sociedade ocidental como sociedade paliativa, chama-se atenção para essa necessidade de querer calar o que faz cada um de nós ser singular à sua maneira (HAN, 2021). Hoje em dia, a dor não é uma questão a ser contemplada e resolvida, mas sim um problema a ser tamponado o quanto antes.

Conforme Cabanas e Illouz (2022) sublinham, o excesso de positividade busca camuflar todos aqueles afetos que são tidos como “desreguladores” da eficácia, remetendo à obrigação de nos vermos em um estado de bem-estar mesmo que isso envolva invalidar nossas insatisfações. Aqui trago a reflexão de Aline: “*por mais que você esteja respondendo a uma injunção hegemônica do que é o bem-estar, do que é a felicidade, não necessariamente coincide. Perde sentido*” (ALINE, 2022, p. 19).

Nesse meandro, Aline também observa o movimento que tem sido muito comum e que aparece bastante no relato de seus pacientes. Acontece que, diante de alguma forma de mal-

estar, ela diz que tentamos camuflá-lo na própria produtividade e, ainda, descartá-lo para que a performance não seja comprometida. Reflete:

Funciona bem como obturação você trabalhar 800h por dia e querer isso, querer aquilo, o sucesso... então, acho que funciona bem como obturação, até que quebra! (...) é como se fosse um desejo de eliminação, de que aquilo é intruso e “eu tenho que me desfazer daquilo”, uma resolução rápida para não atrapalhar a produtividade (ALINE, 2022, p. 19).

À luz da psicanálise, a angústia, quando elaborada, é o afeto que nos aproxima do nosso desejo que movimenta e impulsiona o que temos de mais autêntico (CHEDIAK, 2007; ALMEIDA, 2021). Carla (2022, p. 23) comenta que, quando se sente angustiada, “vem muita coisa, mas principalmente vem a ideia de vazio [...] momentos angustiantes, parece que é um vazio [...] aparece muito desse lugar de questionar e não ver sentido”. Os momentos em que ela se deparava com essa sensação de vazio era quando “estava muito deprimida, que eu estava muito ansiosa. Acho que dentro desse sofrimento, olhar ao meu redor e ver que grande parte das coisas não faz sentido é... é como se... é que eu não sei explicar” (CARLA, 2022, p. 23). Marina fala que

Você elaborar uma angústia é você fazer o caminho reverso da ideologia. É você contar uma história que não quer ser dita. É você lançar luz ao que se preferia manter escondido. O processo de tomada de consciência, em Marx, assim como o processo de elaboração de um sintoma, em Freud, é o processo de recontar uma história que era melhor permanecer esquecida, permanecer escondida (MARINA, 2022, p. 6).

Em seu trabalho *O Tempo e o Cão: a atualidade das depressões*, Kehl (2009) demarca os traços pelos quais a depressão tem se expressado, o que toca na fala anterior, de Carla. A depressão hoje se expressa por uma carência de recursos simbólicos que impossibilita a impressão de significados às experiências e, por isso, a marca do *vazio* é o que, de fato, define o quadro depressivo. Quando tentava explicar o que sentia ao ver que as coisas não faziam sentido para ela, Carla procura por palavras, mas elas não se formulam, pelo menos não que tenham sido verbalizadas.

Para Letícia, a angústia está presente quando ela “chega a ser física! Parece que aperta, fecha o peito e quando você vê, você está [imita respiração acelerada]. Você percebe que a aceleração está tão curta e tão acelerada, que você precisa respirar fundo” (LETÍCIA, 2022, p. 13). A forma que ela descreve a angústia toca em pontos semelhantes àqueles que também estão nos sintomas do pânico.

Na interpretação de Pereira (2007), a experiência do pânico nos leva a entrar em contato com o estado de desamparo em sua forma mais originária, expressando o sentimento da angústia através da intensa sensação de horror de quando se entra em contato direto com o registro do real, sem mediações simbólicas e/ou imaginárias.

Letícia acrescenta: “não cheguei a ter crise de pânico, mas o início, que foi quando eu comecei a tomar a medicação, né?” (LETÍCIA, 2022, p. 13). Ela conseguiu ter os recursos para se prevenir antes que seu quadro se agravasse, mas, ainda, quero chamar a atenção a essas situações que Letícia traz:

[...] porque qualquer coisinha já... tipo assim, assistindo Clube da Luta me deu uma crise, e aí a visão fica escura, a mão começa a ficar dormente e o corpo fica todo gelado. Às vezes dá uma tremedeira e palpitação, o coração disparadíssimo! (LETÍCIA, 2022, p. 13).

[...] quando você tá lá no meio daquele rolo, você não consegue. Não é porque você não quer, é porque você não consegue. Eu não conseguia lavar o cabelo, e não é porque eu sou porca, não é porque eu não queria. É porque você não tem vontade de fazer isso! (LETÍCIA, 2022, p. 14).

À vista disso, tanto a depressão quanto o pânico são modalidades de sofrimento em que perdemos a força do nosso lugar de sujeito. Ambas se apresentam como os principais retratos contemporâneos de sofrimento psíquico, junto das toxicomanias (BIRMAN, 2017; 2021; DUNKER, 2021). Na depressão, é como se o Eu entrasse em um estado de total entorpecimento, enquanto que no pânico o Eu se confronta com um pavor que se aproxima da perda total do controle entre a vida e a morte (BIRMAN, 2017; PEREIRA, 2007).

Essas tentativas de tamponar aquilo que nos afeta acaba servindo como um escudo contra o desamparo, já que, em um mundo onde a falta perde seu lugar contemplativo de existência, difícil será reconhecê-la em nós mesmos e nos outros. Se não há espaços para a simbolização, a compreensão do nosso desejo se torna distante e podemos levar uma vida inteiramente submissa ao que se entende como sendo da vontade do outro, mas, ao mesmo tempo, afastados de suas alteridades (BIRMAN, 2017).

Kehl (2009) destaca que, atualmente, a depressão se volta mais ainda para o campo do vazio do que para o da falta, sendo necessário preencher todo esse espaço que foi despido de significados. Diante disso, os sintomas depressivos são aqueles que o caminho do desejo não é delineado, não se tracejaram suas linhas (ALMEIDA, 2021). Marina fala que,

o sintoma é uma espécie de trunfo na manga [...] um coringa que todos nós temos e do qual nós lançamos mão diante de circunstâncias conflitivas e desafiadoras, em que a gente não sabe fazer outra coisa [...] por isso a elaboração da angústia é difícil, é uma coisa rara [...] é justamente poder saber, poder lembrar, poder considerar elementos da nossa história individual de sofrimento que a gente aprendeu a recalcar e esconder através dos nossos sintomas (MARINA, 2022, p. 6).

Elaborar a angústia pode ser mais desafiador no caso das depressões. Delouya (2000) explica que enquanto a angústia se endereça ao futuro, ela se manifesta ativamente com relação ao desamparo, ou seja, sinaliza a necessidade de buscarmos amparo no outro, simbolizarmos nossas experiências e entrarmos em contato com nosso desejo. A depressão, por outro lado, se endereça ao passado. Essa temporalidade depressiva é justamente o efeito de não nos confrontarmos com o desamparo e, assim, nos colocarmos em uma posição passiva frente a ele (DELOUYA, 2000). Nesse sentido, Marina faz a seguinte colocação:

A depressão se caracteriza por uma certa recusa do sujeito a elaborar sobre o que tá acontecendo. Qualquer um de nós pode se relacionar, se identificar a essa posição depressiva [...] é a capacidade de recusar, é a capacidade de dizer "não", de dizer "não tenho nada a ver com isso, não me amole, me deixa aqui na minha" [...] é importante para a nossa saúde, nós precisamos poder ter acesso a esse recurso, né? [...] A depressão é quando isso acaba sobressaltando, sendo um processo exagerado, um processo em que você se coloca demais em modo de pouca energia (MARINA, 2022, p. 7).

Essa sua fala vai de encontro com o que o autor Delouya (2000) reflete acerca da diferenciação entre a função depressiva e o estado depressivo. Quando Marina comenta que todos deveríamos poder dizer esse “não”, é possível sublinharmos que ela se refere à função depressiva que cumpre um papel narcísico no nosso psiquismo. No caso do estado depressivo, este é quando acabamos por nos fechar demais em nós mesmos.

Diante das inúmeras exigências de produtividade e desempenho que a racionalidade política neoliberal nos coloca, nos perdemos em meio aos excessos de controle, à necessidade catastrófica de não falhar nessa maratona ininterrupta. Com relação a isso, Han (2017; 2021) entende que a depressão vai revelar sua ferida narcísica justamente nessa tendência de não se “arriscar” à alteridade, embora este nos seja um processo inconsciente que necessita de espaços de simbolização para compreendê-lo. Birman (2017, p. 183) traz que “é preciso romper com as amarras narcísicas do indivíduo, em que o gozo e a predação do outro são soberanos, para conduzir o sujeito ao encontro insondável de seu desejo”.

4.3 INTERPRETAÇÃO/REINTERPRETAÇÃO

Se nos constituímos sujeitos em relação com a linguagem, que também se insere dentro de um contexto social, cultural e político, nossos processos de subjetivação vão transitar por tais condutas, normas e valores. As ideologias nos atravessam de maneiras que, muitas vezes, não conseguimos perceber, não conseguimos ver que se trata de uma característica ideológica ou, mais ainda, é difícil sair dessa lógica quando ela está implicada estruturalmente na sociedade e em nós mesmos. Afinal de contas, vimos que a estrutura do neoliberalismo se transformou em uma racionalidade política porque o intuito era, de fato, “mudar o próprio homem” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 91). A internalização dos discursos mercadológico e empresarial foi, e é, o seu próprio pilar de sustentação.

Nos diálogos com Letícia e Carla, houve um ponto que mais se destacou entre todos os outros. Embora ambas reconhecessem que passaram por um processo de intenso sofrimento psíquico, sendo este estreitamente vinculado ao conjunto de normas e condutas da racionalidade política neoliberal, percebemos que, ao tentarem mudar suas atitudes, elas, às vezes, ainda caíam no mesmo discurso de que a produtividade deveria acontecer.

Por outro lado, ambas começaram a se questionar sobre seus cotidianos e suas maneiras de lidarem com a produtividade após adoecerem. Apesar da intensidade do sofrimento e dos sintomas que experienciaram, de alguma forma, eles abriram espaços para que elas pudessem construir outros olhares sob o mundo em que se inserem. Hoje, o que fazem é buscar estabelecer questionamentos críticos diante das expectativas por condutas que se coadunam com esse discurso neoliberal. Isso se fez evidente nas suas histórias, pois, hoje, ambas buscam resistir àqueles processos que reconhecem ter sido adoecedores.

E diante desse fato de que as ideologias atravessam nossas vidas em diferentes proporções e que precisamos encontrar as maneiras de lidar com elas, deixamos aqui a contribuição de Marina:

É preciso estar nesse mundo, participar do capitalismo, participar das trocas, participar da circulação das mercadorias, mas, ao mesmo tempo, ir encontrando espaços para os processos de resistência, né? Encontrando espaços para os processos de elaboração pessoal, de autocuidado... encontrando situações e condições de lutar contra a corrente hegemônica da produtividade e da obediência (MARINA, 2022, p. 7).

No período em que eu transcrevia as entrevistas e me debruçava sob a análise dessas informações, também ia percebendo, no meu cotidiano, nas minhas relações, as pessoas falando a respeito de suas visões sobre o desempenho que, de alguma forma, caíam na expectativa do neoliberalismo. Notei que as nossas experiências humanas têm sido cada vez mais reduzidas à noção de quantidade, no mesmo sentido que a autora Ferraz (2018) aborda quando diz que o imperativo contemporâneo é para que as pessoas gozem e se satisfaçam não pelo significado simbólico que aquilo tem para elas, mas pelo fato de contabilizar o máximo de experiências que puderem.

Observamos que até mesmo a noção de descanso foi diversas vezes equiparada à intenção de descansar, para que no outro dia se possa ter mais motivação e ânimo para produzir. Junto disso, a dificuldade das participantes em verbalizar o que sentiam, um processo que, como falado diversas vezes ao longo do trabalho, necessita de tempo e espaço de simbolização.

Assim, na tentativa de calar o mal-estar, localizá-lo tem se tornado um desafio ainda maior. Não à toa que os sintomas depressivos e/ou ansiosos se acentuaram na contemporaneidade, e muitos autores vão associá-los à ideia de que esses são sofrimentos em que o desejo não encontra destino, mas cai no vazio (KEHL, 2009; DUNKER, 2021; HAN, 2017). Ao tamponar demais essas dores, elas não vão cessar, mas apenas mudar de direção.

Buscamos, assim, conferir um lugar de destaque ao entendimento de que é justamente ao localizar e tentar elaborar a angústia, que podemos encontrar as vias do nosso desejo e, então, dar cor ao que temos de mais autêntico na nossa própria história de vida, do que mais temos de íntimo e singular. O esforço deve ser em evitar que os sofrimentos depressivos não tenham, e não encontrem, o seu lugar. Pois, de acordo com Kehl (2009), as respostas individualizantes que o neoliberalismo oferece para eles é nos levar a acreditar que basta resolvermos as lacunas no desempenho e na produtividade. Para a autora, “junto com a medicação, o que se vende é sobretudo a esperança de que o depressivo possa rapidamente normalizar sua conduta sem ter de se indagar sobre seu desejo” (KEHL, 2009, p. 104).

Logo, a autora Lobosque (2001, p. 23) vai situar que o voltar-se para a ordem do simbólico não deve ser ignorado, tendo em vista que “a este tipo de negação, de desvalorização do pensamento, chamamos de exclusão da subjetividade”. Aqui, trazemos a fala da Marina, no momento em que compartilha sua opinião em relação aos efeitos disso na acentuação dos sintomas depressivos: “se tranca para dentro de um cômodo da subjetividade, que diz: “não, me

deixa aqui deitado, sem querer nada, sem falar nada, sem afirmar nada, sem produzir nada” (MARINA, 2022, p. 7).

Além do mais, se temos a angústia como o afeto que se vincula ao momento do desamparo originário, estado no qual nos deparamos com nossa falta fundamental e percebemos ser incompletos, daqui se tem a necessidade de estarmos com um outro, de compartilharmos nossas dores com o outro. Acontece, no entanto, que o pedir ajuda tem sido visto como um sinal de fraqueza, de incapacidade. E neste ponto, fazemos um apelo: se essa fraqueza e incapacidade são apenas formas de falar que você só não sabe como agir diante de determinada situação e, por isso, precisaria de uma mão, então que seja fraqueza e incapacidade! Birman (2017), quanto a isso, fala da “ética da fraternidade”. Para o autor, a autossuficiência é o dispositivo do imaginário contemporâneo e essa configuração vem para eliminar as possibilidades para a alteridade. A ética, nesse sentido, está em reconhecer a falta em si para que se possa estar com o outro (BIRMAN, 2017).

A necessidade de fortalecer o laço social novamente se coloca enquanto uma das máximas na contemporaneidade, e, sobre isso, me encaminho para o final da reflexão com essas falas de Marina e Aline:

Nós precisamos ocupar mais espaços [...] uma andorinha só não faz verão. Nós somos mesmo pequenas formiguinhas diante desses grandes problemas. São problemas que exigem enfrentamento coletivo, enfrentamento organizado. Nós precisamos, de fato, emprestar as nossas vidas à revolução, à construção comum de soluções para esses problemas (MARINA, 2022, p. 8).

Precisamos de espaços de potencialidades de formação de redes entre as pessoas, e redes que não sejam dominadas por essa lógica. Acho que a arte e a cultura conseguem proporcionar experiências que fazem furo nisso, que torna isso menos contundente, cria espaços de reflexão sobre isso (ALINE, 2022, p. 20).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Deixa esvaziar e abre espaço
 Desfazer o nó é um grande passo
 Se desveste, assume o cansaço
 Lágrima vem junto de um abraço
 E molha
 Umedece o seu coração
 [...]
 Chorar não é fraqueza
 E se for
 Que seja”*

(Marina Peralta)

O presente trabalho quis contribuir na análise das principais nuances que constroem o paradigma da racionalidade política neoliberal, buscando compreender as implicações da experiência da angústia dentro desse contexto e a acentuação dos sintomas depressivos e/ou ansiosos na atualidade. Viu-se que, desde o princípio do neoliberalismo, a intenção materializada era a de ultrapassar as barreiras econômicas e passar a compor a própria como forma de nos relacionamos com nós mesmos e com os outros (DARDOT e LAVAL, 2016).

Com relação à ideia de liberdade, viu-se que o sistema neoliberal incentiva o discurso da liberdade de si para os sujeitos. Contudo, ideias como “podemos ser quem quisermos ser” e “fazer o que quisermos fazer” são meramente individualistas quando analisadas pela totalidade de seus contextos. Ao mesmo tempo, essa visão de liberdade também acaba sendo paradoxal. Isso porque, através de uma espécie de autocoerção, a liberdade que temos tende a ser restringida àquilo que já se espera para a lógica mercadológica e empresarial continuar, o que leva muitos a caminharem em direções similares (DUNKER, 2021; HAN, 2015).

Na grande parte das vezes, a depressão se expressa quase que como uma denúncia desses modos coercitivos de produção, desempenho, performance, acúmulo e redução do sujeito à

representação de capital humano (KEHL, 2009). Em razão disso, pudemos perceber que o aumento da incidência da depressão está fortemente vinculado ao fato de os sujeitos tentarem se adequar continuamente aos imperativos do neoliberalismo, não se tendo espaços para seus registros de simbolização da angústia (DUNKER, 2021; KEHL, 2009; DARDOT; LAVAL, 2016; HAN, 2015).

Acreditamos que, para esse campo de estudos, há uma infinidade de possibilidades, e que são de urgência, considerando todo esse cenário. Um exemplo de temática de investigação que se coloca é a questão da alteridade diante de uma racionalidade política que incentiva o individualismo, a competitividade e o empobrecimento das experiências simbólicas.

Além disso, a psicanálise não deve perder de vista a ética da qual seu método se estrutura. De acordo com Guimarães (2013, p. 147), há, ainda, uma razão política que se expressa no seguinte sentido: “descortinar essas linhas de forças é útil ao clínico para que ele compreenda a que utilidade social ele está servindo: à dominação? À normatização: Ou a uma prática autenticamente crítica dessas formas de exercício de poder?”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Gisela. Turchetti. **Retrato de uma forma contemporânea de angústia**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.
- ANGEL, Camila. de Oliveira. O neoliberalismo e a gestão do mal-estar contemporâneo. *In:* de CASTRO, Fábio. Caprio. Leite; Da ROSA, Brandon. Jahel; MARQUES, Cristian. (Orgs.). **Filosofia e psicanálise: psicopolítica e as patologias contemporâneas**. Porto Alegre: fundação fênix, 2019. p. 43-57.
- AVELINO, Nildo. Foucault e a racionalidade (neo)liberal. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 21, p. 227-284, 2016.
- BARBOSA, Caroline Garpelli; CAMPOS, Erico Bruno Viana; NEME, Carmen Maria Bueno. Narcisismo e desamparo: algumas considerações sobre as relações interpessoais na atualidade. **Psicologia USP [online]**, v. 32, e190014, p. 1-10, 2021.
- BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012/2021.
- BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006/2017.
- BIRMAN, Joel. **O mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 17ª edição. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1999/2019.
- CABANAS, E; ILLOUZ, E. **Happycracia: fabricando cidadãos felizes**. São Paulo: Ubu, 2022.
- CAMPOS, Érico Bruno Viana. Uma perspectiva psicanalítica sobre as depressões na atualidade. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 22-44, 2016.
- CHAUÍ, Marilena. (2020). O totalitarismo neoliberal. **Anacronismo y Irrupción: Revista de Teoría y Filosofía Política Clásica y Moderna**, v. 10, n. 18, p. 307-328, 2019.
- CHEDIAK, Gabriela. de Freitas. **Sobre a angústia: um ensaio psicanalítico**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- Conselho Federal de Farmácia (CFF). Venda de medicamentos psiquiátricos cresce na pandemia. **Notícias do CFF**, Brasília, 10 set. 2020. Disponível em: <<https://www.cff.org.br/noticia.php?id=6015>>. Acesso em: 20 set. 2022.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: boitempo, 2016.
- DELOUYA, Daniel. **Depressão**. São Paulo: casa do psicólogo, 2001.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa**. São Paulo: papirus, 2001.
- DUNKER, Christian. **Uma biografia da depressão**. São Paulo: planeta, 2021.

- DUNKER, C. I. L. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu, 2017.
- DUNKER, C. I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo. 2015.
- FERRAZ, D. T. **Indiferença: um estudo psicanalítico**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade de São Paulo, Brasília, 2018.
- FIGUEIREDO, Luis. Claudio. As províncias da angústia (roteiro de viagem). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 2, n. 1, p. 50-63, 1999.
- FIGUEIREDO, Luis. Claudio. Trauma e dissociação na "contemporaneidade": de volta ao assunto vinte anos depois. **Cadernos de Psicanálise (CPRJ)**, v. 40, n. 39, p. 91-108, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1978/2008.
- FORTES, I. A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 4, p. 1123-1144, 2009.
- FRANCO FILHO, O. M. A civilização do mal-estar pela não-felicidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n.2, p. 183-192, 2009.
- FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)**. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Volume XII, p. 193-206. Rio de Janeiro: Imago, 1914.
- FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. Tradução P. C. Souza. In: **Freud Obras completas, volume 17: inibição, sintoma e angústia. O futuro de uma ilusão e outros textos**. São Paulo: companhia das letras, 1929.
- FREUD, Sigmund. Tradução P. C. Souza. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: companhia das letras, 1930.
- GUIMARÃES, T. **Incidências do problema da cientificidade da psicanálise na direção da cura**. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- HAN, Byung. Chul. **Sociedade Paliativa**. Petrópolis: vozes, 2021.
- HAN, Byung. Chul. **Agonia do Eros** Petrópolis: vozes, 2017.
- HAN, Byung. Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: vozes, 2015.
- HENDERSON, Guilherme. Freitas. **A condição do desamparo e a vida comum: um horizonte na cura psicanalítica**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.
- KEHL, Maria. Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: boitempo, 2009.
- KINOSHITA, Roberto. Tykanori. Contratualidade e Reabilitação Psicossocial. In: PITTA, Ana. **Reabilitação Psicossocial no Brasil**. São Paulo: hucitec, 2001, p. 55-59.

LEMKE, Thomas. Foucault, governamentalidade e crítica. **Plural - Revista de Ciências Sociais**, v. 24, n. 1, pp. 194-213, 2017.

LOBOSQUE, Ana. Marta. **Experiências da loucura**. Rio de Janeiro: garamond, 2001.

MALINA, Pedro. **Desigualdade e competição: duas faces da governamentalidade neoliberal**. 2021. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2021.

MARINHO, Cristiane Maria. **Processos de subjetivação, governamentalidade neoliberal e resistência: uma leitura a partir de Michel Foucault e Judith Butler**. 2020. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

MINAYO, Marília. Cecília. de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: vozes, 2007.

NICOLAU, R. F. Quem quer saber da falta? A psicanálise em tempos sombrios. **Trivium: estudos interdisciplinares**, p. 34-41, 2021.

PEREIRA, M. E. C. **Pânico e desamparo**. São Paulo: Ed Escuta, 1999/2007.

QUINET, A. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

RESENDE, Tania Inessa Martins de. **Eis-me aqui: a convivência como dispositivo de cuidado no campo da saúde mental**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

RODRIGUES, Martina. Schneider; MUNÓZ, Nuria. Malajovich. Entre a angústia e o ato: desafios para o manejo da urgência subjetiva na clínica psicanalítica. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica**, v. 23, n. 3, p. 90-98, 2020.

SAFATLE, Vladimir; Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social. *In*: SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson. da Silva; DUNKER, Christian. (Orgs.), **Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte, autêntica, 2021.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson. Da Silva; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: autêntica, 2020.

SANTOS, N. T. G; FORTES, I. Desamparo e alteridade: o sujeito e a dupla face do outro. **Psicologia USP**, São Paulo, 2011, 22(4), p. 747-769.

SCHARINGER, J. P. **Psicanálise e alteridade: um percurso em Lacan pelas diferentes modalidades de outrem**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SILVA, L. C. **O estatuto do Outro no pensamento de Jacques Lacan**. 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SOUZA, J. **A rale brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2017/2020.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

"Entrevista Semiestruturada Sobre a Experiência da Angústia nas Conjunturas Sociopolíticas da Contemporaneidade"

Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB)

Pesquisadora responsável: Prof^a. Dr^a. Tania Inessa Martins de Resende

Pesquisadora assistente: Natasha Tonetti Abdul Hak

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muito importância para nós, mas se for de sua vontade desistir a qualquer momento, isso não lhe causará nenhum tipo de prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo. Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo deste estudo é compreender mais sobre a experiência da angústia nas conjunturas socioculturais da sociedade neoliberal contemporânea, bem como as possíveis implicações de sintomas depressivos nesta.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por ter vivenciado e superado sintomas depressivos.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em falar sobre suas experiências e percepções diante das perguntas que nortearão a entrevista.

- O procedimento é uma entrevista semiestruturada como instrumento para coletar os dados e a gravação em áudio do enredo falado pelo participante.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada no local escolhido pelo participante, podendo ser presencial ou de forma remota.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos de evocar conteúdos emocionais mais intensos.
- Medidas preventivas serão tomadas durante as entrevistas para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa, você poderá contribuir para um maior conhecimento sobre a experiência da angústia e dos sintomas depressivos na sociedade neoliberal. Você poderá falar abertamente sobre suas experiências dentro desse contexto da pesquisa, haja vista que será promovido um espaço acolhedor durante a entrevista.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão utilizados e manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados em gravação de áudio ficarão guardados sob a responsabilidade de Natasha Tonetti Abdul Hak com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de cinco anos; após esse tempo serão destruídos.

- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Unificado de Brasília — CEP/CEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone (61) 3966-1511 ou pelo e-mail: cep.uniceub@ceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____,
RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de ____.

Participante

Dra. Tania Inessa Martins de Resende

Natasha Tonetti Abdul Hak, (61) 99907-0909,

natasha.tonetti@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Unificado de Brasília — CEUB

Endereço: SEPN 707/907 Via W5 Norte

Bairro/CEP/Cidade: Asa norte — DF/70790-075

Telefones p/ contato: (61) 3966-1383

Endereço do(a) participante:

Domicílio (rua, praça, conjunto):

Bloco/No/Complemento:

Bairro/CEP/Cidade:

Ponto de referência:

Telefones p/ contato:

Contato de urgência:

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

"Entrevista Semiestruturada Sobre a Experiência da Angústia nas Conjunturas Sociopolíticas da Contemporaneidade"

Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB)

Pesquisadora responsável: Prof^a. Dr^a. Tania Inessa Martins de Resende

Pesquisadora assistente: Natasha Tonetti Abdul Hak

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muito importância para nós, mas se for de sua vontade desistir a qualquer momento, isso não lhe causará nenhum tipo de prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo. Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo deste estudo é compreender mais sobre a experiência da angústia nas conjunturas socioculturais da sociedade neoliberal contemporânea, bem como as possíveis implicações de sintomas depressivos nesta.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por ser psicanalista e atender na clínica.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em falar sobre suas experiências e percepções diante das perguntas que nortearão a entrevista.
- O procedimento é uma entrevista semiestruturada como instrumento para coletar os dados e a gravação em áudio do enredo falado pelo participante.

- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada no local escolhido pelo participante, podendo ser presencial ou de forma remota.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos de evocar conteúdos emocionais mais intensos.
- Medidas preventivas serão tomadas durante as entrevistas para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa, você poderá contribuir para um maior conhecimento sobre a experiência da angústia e dos sintomas depressivos na sociedade neoliberal. Você poderá falar abertamente sobre suas experiências dentro desse contexto da pesquisa, haja vista que será promovido um espaço acolhedor durante a entrevista.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão utilizados e manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados em gravação de áudio ficarão guardados sob a responsabilidade de Natasha Tonetti Abdul Hak com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de cinco anos; após esse tempo serão destruídos.

- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Unificado de Brasília — CEP/CEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone (61) 3966-1511 ou pelo e-mail: cep.uniceub@ceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____,
 RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, _____ de _____ de _____.

Participante

Dra. Tania Inessa Martins de Resende

Natasha Tonetti Abdul Hak, (61) 99907-0909,

natasha.tonetti@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Unificado de Brasília — CEUB

Endereço: SEPN 707/907 Via W5 Norte

Bairro/CEP/Cidade: Asa norte — DF/70790-075

Telefones p/ contato: (61) 3966-1383

Endereço do(a) participante:

Domicílio (rua, praça, conjunto):

Bloco/No/Complemento:

Bairro/CEP/Cidade:

Ponto de referência:

Telefones p/ contato:

Contato de urgência

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – PESSOAS QUE EXPERIENCIARAM SINTOMAS DEPRESSIVOS E/OU ANSIOSOS

1. Diante dessa exigência constante que nos é colocada acerca da produtividade nos dias de hoje, como você se percebe?
2. Atualmente, como você enxerga as relações entre conflitos emocionais e os aspectos socioculturais da sociedade?
3. Em sua história, como você enxerga as relações entre seus conflitos emocionais e esses aspectos socioculturais da sociedade?
4. De que formas você percebe que seus sentimentos podem ou não interferir no desempenho?
5. Na sua percepção, como você enxerga a relação com o tempo? Como você o percebe passar?
6. O que a angústia representa para você?
7. O que te leva a notar que está angustiado/a?
8. Nos momentos em que não se sente bem, quais são suas estratégias para lidar com esses sentimentos que surgem?
9. Com que frequência você costuma falar sobre os sentimentos tidos como difíceis para você? De que formas isso acontece?
10. Sabe-se que a quantidade de pessoas com depressão e ansiedade tem aumentado muito. De que maneiras você acha que isso pode estar relacionado às circunstâncias culturais contemporâneas?
11. Atualmente, em que situações da sua vida é possível observar a presença de traços de competitividade? Qual a relação com sua saúde mental?

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – PSICANALISTAS

1. De que maneiras você compreende a expressão "racionalidade neoliberal"?
2. Como você percebe as implicações dessa racionalidade neoliberal no cotidiano das pessoas?
3. Frente aos aspectos que constituem a racionalidade neoliberal, como estes se relacionam com o sofrimento psíquico e a saúde mental?
4. De modo geral, como aparecem as queixas com relação a desempenho e produtividade na clínica? Estas se articulam com os sintomas? Quais? De que forma?
5. No que se refere especificamente aos sintomas depressivos no contexto psicanalítico, quais são as injunções culturais presentes?
6. Como você acha que a racionalidade neoliberal pode estar influenciando nas formas como as pessoas têm lidado com seus desejos?
7. Como você percebe se a angústia tem ou não sido elaborada na contemporaneidade?
8. Diante da concepção de racionalidade neoliberal, quais são as saídas que mais são utilizadas para os sujeitos evitarem a angústia?
9. De que maneiras você vê as relações entre a elaboração ou não da angústia e os sintomas depressivos?
10. A partir dos enlaces de aspectos sociais e políticos da racionalidade neoliberal, como você compreende que a competitividade pode estar influenciando na vida dos sujeitos?
11. Considerando um paciente que conseguiu sair de um quadro com sintomas depressivos, o que mais se nota como mudança?
12. Na sua opinião, diante dessas dimensões políticas do sofrimento psíquico, como a psicanálise pode contribuir?